

2005/2



3por4 *Política*

# O privilégio da reflexão

editorial da turma  
\* jornaltresporquatro.blogspot.com

Foi em clima de ressaca que nossa turma pisou pela primeira vez na faculdade. No dia anterior àquela segunda-feira de outubro, Luiz Inácio Lula da Silva havia sido eleito presidente da República de forma histórica e consagrada. Durante o trote, todos, uns felizes e outros nem tanto, ouviram uma veterana declarar que éramos privilegiados de estudar em uma universidade federal durante o governo que se anunciava.

Três anos e três ministros da educação depois, o privilégio foi outro. Como jornalistas, tivemos a oportunidade única de compor uma publicação com total liberdade criativa durante essa crise sem precedentes na democracia brasileira. Crise dolorida, que afetou esperanças, ideologias e convicções.

Enquanto as denúncias se multiplicavam na mídia, a 3por4 optou pela reflexão. Mesmo que ainda não haja o tempo necessário para opiniões definitivas, nossa equipe convidou, entre desiludidos e esperançosos, militantes, intelectuais, estudantes e sindicalistas para quebrar o silêncio e declarar o que pensam sobre os rumos da nossa política.

Será novamente em clima de ressaca que a 3por4 chegará aos seus leitores. No pós-crise, algumas cabeças já foram cortadas e as peças começam a ser postas no tabuleiro para uma nova eleição, provavelmente com número recorde de eleitores indecisos. Fica o convite para que os leitores da 3por4 façam o que fez a nossa equipe. Por mais dolorido que seja, sentar e refletir é preciso, já que, em outubro, julgar os envolvidos nessa crise será responsabilidade de todos. ■

# Para ser lido de ponta a ponta

por Wladimir Ungaretti  
\*ungaretti@orion.ufrgs.br

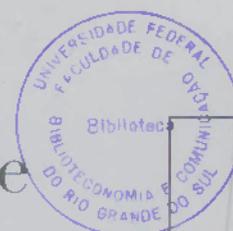
*“Não há verdadeira democracia sem um verdadeiro contra-poder crítico”.*

Pierre Bourdieu

Esta turma construiu uma unidade na escolha de um tema. A decisão se reflete no resultado final. Temos uma edição bem definida e, no entanto, de conteúdo diverso. Bem produzida graficamente, elegante. Um jornal para ser lido de ponta a ponta.

Outro aspecto também determinante para que se tenha chegado a este resultado é que o grupo se manteve, literalmente, “ligado” em relação aos acontecimentos. Não deixou passar nenhuma oportunidade para realizar uma boa matéria. Fazia algum tempo que não trabalhava com uma turma que tivesse este elemento essencial do jornalismo: o espírito de trabalho coletivo.

A conjugação destes elementos foi decisiva para que o resultado alcançado - num sentido de laboratório - tenha ficado bem acima da média do jornalismo que se pratica dentro dos cursinhos de comunicologia. Aliás, jornalismo não, mas showmalismo, pois mais do que nunca se acentua a descrença, para a desgraça do país, nos valores de uma ética voltada para os interesses da coletividade. As relações mídia (no sentido de empresas), poder e jornalistas enquanto profissionais, e, conseqüentemente, os valores passados nas salas de aula das universidades são pano de fundo do drama. Podre educação. É o quadro que acentua e encobre nossas misérias. Esta turma teve a sensibilidade, ousadia, sentido de coletividade para deixar o seu “rosto” em meio a um país perplexo, triste. ■



# Expediente

3por4 é uma publicação experimental da disciplina Redação Jornalística IV, produzida pelos estudantes de jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, sob orientação do professor Wladimir Ungaretti.

## Comissão Editorial

Bibiana Osório de Souza  
Caue de Vargas Fonseca  
Dulphe Pinheiro Machado  
Guilherme Fogaça Damo  
Marcela Leal Domini  
Raquel Schneider

## Redação

Ana Paula da Silva e Souza  
Ângela Braun  
Bibiana Osório de Souza  
Carlos Augusto Hentges de Souza  
Caue de Vargas Fonseca  
Clarissa Rodrigues da Silveira  
Cláudia dos Reis Flores  
Dulphe Pinheiro Machado  
Felipe Koch da Silveira  
Fernando Mallmann Junior  
Guilherme Fogaça Damo  
Luciana da Silva Cândido  
Marcela Leal Donini  
Márcia Andrea Ávila  
Miqueline Isabel Leithtweis de Faveri  
Mônica Rossi  
Myrian Camargo Plá  
Raquel Schneider  
Thomas Selistre

## Comissão de Revisão

Fernando Mallmann Junior  
Miqueline Isabel de Faveri  
Mônica Rossi  
Thomas Selistre

## Projeto Gráfico e Editoração

Laura Salaberry

## Impressão

Gráfica UFRGS

## Tiragem

1000 exemplares



# O príncipe que nunca foi sapo

Dulphe Pinheiro Machado \* dulphe@gmail.com

**No terceiro ano do governo Lula, a opção pela esquerda não se mostrou renovadora. Abalado pelos escândalos de corrupção, o PT cai na vala comum dos grandes partidos.**

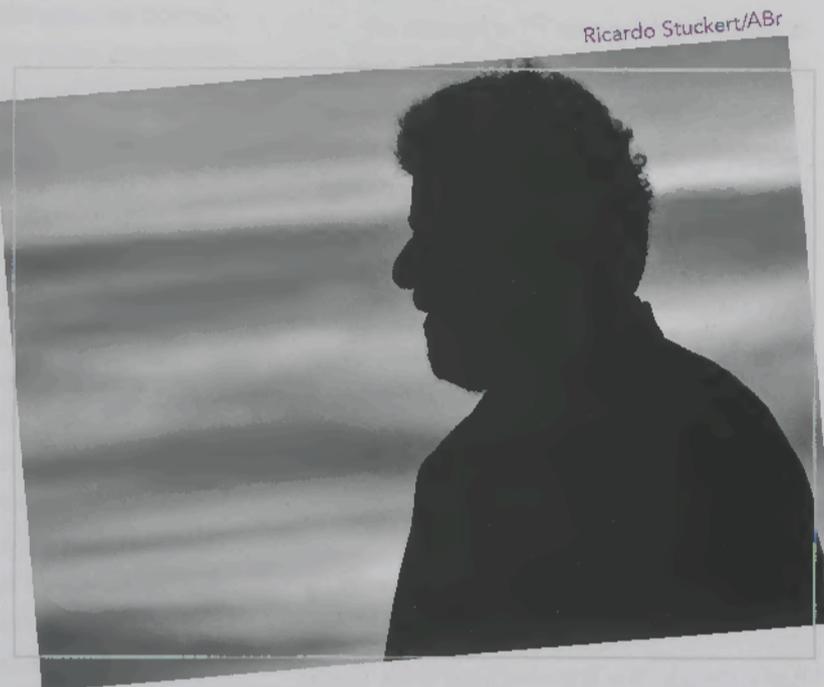
O presidente caminha por uma fauna variada de pessoas. Faz isso com habilidade. Põe boné do MST. Faz reunião com José Sarney. Bate boca com Bornhausen. E apesar de representar o continuísmo da política econômica do governo passado, Lula nunca mudou seu discurso. Há os que preferem o sindicalista barbudo de macacão. O próprio Lula comenta no documentário *Entreatos*, de João Moreira Salles, que pessoas que fazem esses comentários não sabem como é trabalhar de macacão dentro de um galpão onde o calor é infernal. Hoje, enfrenta críticas da esquerda por não ter mudado o cenário político e da direita recebe denúncias de corrupção.

Luiz Inácio da Silva nasceu no então distrito de Caetés, município de Garanhuns, em 1945. Nesse mesmo ano, seu pai, Aristides Inácio da Silva, deixou a família para tentar a vida em São Paulo. Ficaram no sertão de Pernambuco a mulher, Eurídice Ferreira de Mello, e 8

filhos. Em 1952, a família foi toda para São Paulo. Descobriram que lá Aristides mantinha outra família. Foram morar separados do pai. Chegaram a viver em 16 pessoas, os 8 filhos, a mãe e 7 primos, em um quarto e cozinha com banheiro público nos fundos de um bar.

## No meio da tempestade

O Brasil vive uma das mais graves crises políticas desde a queda do regime democrático em 1964. Iniciada em meados de maio de 2005, teve como ponto de partida a divulgação de um vídeo em que o funcionário dos Correios, Maurício Marinho, recebia R\$ 3 mil de empresários interessados em participar de uma licitação. No vídeo, Marinho diz: "Nós somos três e trabalhamos fechados. Os três são designados pelo PTB, pelo Roberto Jefferson". Ele complementa: "É uma composição com o governo. Nomeamos o diretor, um assessor e um departamento-



chave. Eu sou o departamento-chave. Tudo que nós fechamos, o partido fica sabendo". O nome do deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ) é citado.

Ele fazia parte da base aliada do governo e recebeu inicialmente apoio quando Lula e o PT tentaram barrar a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Como a CPI não foi evitada, Jefferson soltou o verbo em entrevista dada ao jornal *Folha de São Paulo*. Revelou a negociação de pagamentos totalizando R\$ 20 milhões em nome do PTB. Mas, desse total, afirmou só ter recebido R\$ 4 milhões.

As declarações de Jefferson desencadearam revelações de fraude, compra de votos, financiamento ilegal de campanhas eleitorais, lavagem internacional de

dinheiro, contratos governamentais ilícitos, roubo de dinheiro de bancos e prefeituras e investimentos suspeitos feitos por fundos de pensão ligados ao setor público.

A crise veio em ondas. Já se cogitou, inclusive o impeachment de Lula. Roberto Jefferson foi cassado. O ex-presidente da Câmara, deputado Severino Cavalcanti, (PP-PE), renunciou quando teve seu nome envolvido em um esquema de propina para prorrogar a concessão de um restaurante da Câmara. Descobre-se o envolvimento de alguém ligado ao presidente, cabeças do PT são cortadas e a poeira baixa. É um ciclo de sacrifícios. E assim, à medida que a crise vai cortando o ano de 2005, as primeiras polêmicas vão sendo cicatrizadas.

## O presidente entrincheirado

Ao longo dos acontecimentos, Lula foi sendo isolado. Isso ocorreu quando quadros históricos do PT e ligados ao presidente, como José Genoíno e José Dirceu, foram envolvidos nos escândalos. O Partido dos Trabalhadores tem sido um escudo para Luiz Inácio da Silva. Todas as bombas explodem dentro do partido. Lula está alheio a todas as tentativas de envolvê-lo. Apesar do isolamento, ele articula com braço forte. Demitiu Dirceu e deslocou Tarso para dentro do diretório nacional do PT. Além disso, a estabilidade econômica contribuiu para que o status do governo não seja maculado. A crise não repercutiu fortemente no bolso do cidadão brasileiro.

A grande crítica gira em torno do discurso de monopólio da ética e honestidade que o Partido dos Trabalhadores tinha. Como o barbudo revolucionário, sindicalista agitador deixou-se cooptar pelo viciado sistema político brasileiro? Ele nunca foi revolucionário. E era um sindicalista de resultados. Em entrevista concedida em 1981, que está editada no livro "Lula sem censura" (Editora Vozes, 1982), ele apresenta idéias que ainda hoje podem ser vistas em seu discurso.

Lula entrou no movimento sindical levado pelo irmão mais velho, Frei Chico, em 1969. Inicialmente, seu papel era reivindicar aumento em dissídios e salários. Não é de se admirar, portanto, que o programa Fome Zero tenha sido elaborado buscando soluções paliativas. A luta pelo aumento de salários na década de 1970 e a tentativa de erradicação da fome no país com o fracassado Fome Zero são propostas coerentes com o histórico de Lula. Já no início da década de 1980, o sindicato dos metalúrgicos passa a ter consciência da necessidade de fazer reivindicações não-econômicas. Garantia de emprego, redução da jornada de trabalho, controle da chefia por parte dos trabalhadores passaram a ser prioridades nas lutas dessa classe.

A consciência política veio depois, com a percepção de que o aumento salarial

não era a única melhoria que o sindicato podia prover aos seus filiados. Em 1981, Lula afirmava sobre a necessidade da redemocratização: "Foi também nesse ano [1979] que a gente descobriu que a democracia que eles queriam era para democratizar os prejuízos e não os lucros... Os mesmos que não tinham falado em democracia de 1968 a 1974 começaram a falar em democracia depois do período em que começou uma política de mais arrocho para eles também, empresários". Ele tinha a visão nada ingênua do processo de saída da ditadura para a democracia negociada com a elite. Da mesma forma, o hoje presidente tem a visão geral da crise e é capaz de se proteger de suas conseqüências.

O presidente continua se relacionando com o partido da mesma forma que na época de sua criação. Lula não tem comprometimento ideológico profundo como o PT. Ele nunca quis discutir ideologias, sempre quis reivindicar atos concretos. Uma prova disso é a afirmação do jornalista Rui Mesquita na década de 1970: "Conheci Lula e passo a ter confiança no líder não comprometido ideologicamente". Na década de 1980, Lula dizia: "Houve um tempo de 1977 a 1978 em que eu fui tratado como a coqueluche de toda esquerda brasileira, de todos os

setores conservadores, de todos os liberais, etc". E sobre o fato de não ser revolucionário, ele comentava, nessa época: "Outro dia eu tive um atrito com um jornalista em Porto Alegre que dizia pra mim que eu tinha que brigar pela revolução e não por um poste. Eu disse: olha, nego, estou brigando e quem sabe eu seja muito mais revolucionário que você. Porque se eu for numa favela e for falar em revolução, eu vou juntar uma pessoa, quem sabe eu mesmo. Se eu for reivindicar um poste, eu vou juntar pelo menos 50 pessoas que já caíram na rua por não ter um poste com luz naquele lugar".

Lula não é ingênuo. Lula não é hipócrita. Tudo que é hoje é coerente com o que foi no passado. Ele joga com as cartas que tem e como todos sempre jogaram. A situação está como está porque nada mudou. Nem o governo. Nem Lula. O nordestino pobre retirante que virou presidente foi um símbolo de esperança até ser eleito. Sua imagem foi construída de acordo com as aspirações de alguns intelectuais de esquerda. A "esquerda festiva", como ele mesmo disse, criou o salvador. Mas a salvação não vem em uma só pessoa. E a democracia brasileira vai seguindo a estrada da história aos tropeços, um pouco ébria nos bailes da vida. ■

### Papo de compadre

O guardião ficava parado ao lado de uma porta. Um homem chegou querendo atravessá-la. Viu o guardião e esperou. Esperou muito tempo. Foi ficando velho. Um dia, o guardião lhe trouxe uma cadeira, pois já não podia mais ficar em pé. Quando já não tinha mais forças para levantar-se, o velho perguntou ao guardião porque ele nunca lhe permitira passar pela porta. A resposta foi simples: ele nunca havia feito esse pedido. Essa passagem é bem melhor contada em *O Processo*, de Franz Kafka. E leva a uma reflexão do que foi a entrevista do presidente Lula no milésimo *Roda Viva*, programa da TV Cultura.

Depois de seis meses sem conceder uma entrevista coletiva, Lula conversou com seis jornalistas. Os seis até pediram, mas o guardião da porta não os deixou entrar. O presidente esquivou-se dos questionamentos sobre a corrupção dizendo que as respostas virão com as investigações das CPI's. Reclamou da oposição que, segundo ele, acusa sem provas. Sobre o mensalão, foi direto: "não acredito que tenha existido essa barbaridade na política nacional". Falou bastante de sua política externa, onde ele se afirma como o "caminho do meio", um mediador que une os países pobres e pauta seus problemas nas discussões dos países mais poderosos.

Papo de compadres. Faz parte do processo burocrático onde as coisas ficam nebulosas. O guardião cuidou bem de sua porta. Não surpreendeu ninguém, agradeceu a todos, foi simpático e até comovente. Alegrou, inclusive, a torcida corinthiana. Quando o país está em crise, é costume falar em futebol.

# “Faltou culhã”

Dulpe Pinheiro Machado \* dulpe@gmail.com

**T**rês bifos de picanha. Um pouco de arroz. Pene com molho fungí e tomates secos. Ele tinha dito que não estava com fome, tinha comido no avião. Mas acabou comendo. Separando a gordura da carne, ele conversa calmamente: “Para ser presidente, ou tem que se acomodar, ou tem que morrer”. O ex-assessor especial do presidente Lula, Carlos Alberto Libânio Christo – o Frei Betto – sente-se mais à vontade para criticar o governo agora que está fora dele. Segundo ele, no primeiro ano de mandato, Lula podia ter feito tudo que quisesse: reforma agrária, reforma política, qualquer coisa. “Até o Bush apoiaria.” Mas qual foi o problema? Por que ele não fez? A resposta vem naturalmente: “Faltou culhã”. Lula teve medo das elites. Frei Betto fala isso com calma e firmeza.

Diz ter deixado o governo por não concordar com os rumos da economia. “Não há política econômica, há uma política financeira.” As soluções simples que ele propõe

surpreendem. Punir quem é responsável pela inflação é muito mais justo que manter juros altos para pagar os outros juros, da dívida externa. “Se o seu Gerdau aumenta o preço do aço, o que acontece?” Nada. Para o Frei, a situação pode mudar se a sociedade civil estabelecer uma democracia mais participativa. O atual modelo já está esgotado. Em relação ao desemprego, Betto diz que o governo é o maior contratador no país, então deveria haver uma condição de contrato com empresas de acordo com o número de empregados que elas têm. Quanto mais empregados com carteira assinada, maior o contrato com o governo. São propostas simples que foram vencidas pela política econômica nascida no mandato Fernando Henrique Cardoso.

Betto diz que trabalhou dois anos no governo e se encontrava com Lula pelo menos duas vezes por semana. Já com Dirceu, nesse período, encontrou-se duas vezes. Isso dá uma idéia do gênio de Dirceu.

A fome foi saciada. Restam três tiras de gordura e um pouco de arroz no prato.

Ele levanta e procura a sobremesa. Não há nada doce. Contenta-se em palitar os dentes. Conversa sobre amenidades. Não comenta sobre o diálogo que teve anteriormente no caminho para o restaurante:

- Como o senhor analisa a situação de Lula hoje?  
- Bem, primeiro, eu vejo que o presidente está completamente isento de todas as denúncias, graças a Deus. Segundo, que ele agiu com muita firmeza quando o PT não quis apoiar a CPI, ele fez o PT reverter a sua posição, praticamente interveio no partido deslocando para lá um grupo de ministros, entre eles o Tarso Genro, para salvar, diante das denúncias de corrupção, alguns dirigentes... E ele tomou, eu acho, as medidas cabíveis. O resto é de competência da CPI, do Ministério Público e da Polícia Federal, e não dele. E ele foi à televisão e ainda se declarou traído.

- O senhor não acha que ele está isolado?  
- Isolado, não, eu acho que ele está isento. Ele não está isolado, ele não tem nada a ver com essa denúncia de corrupção.

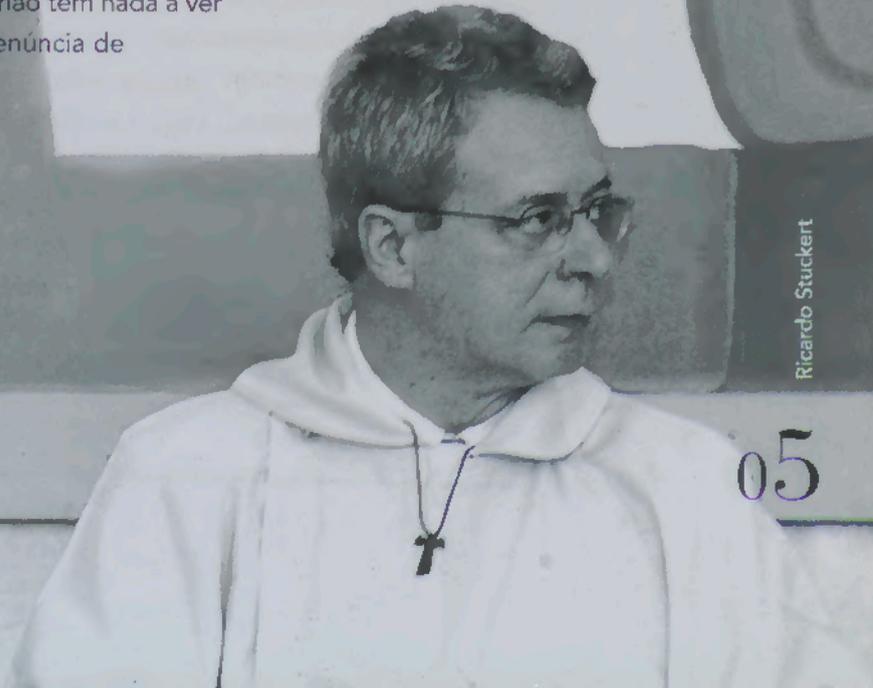
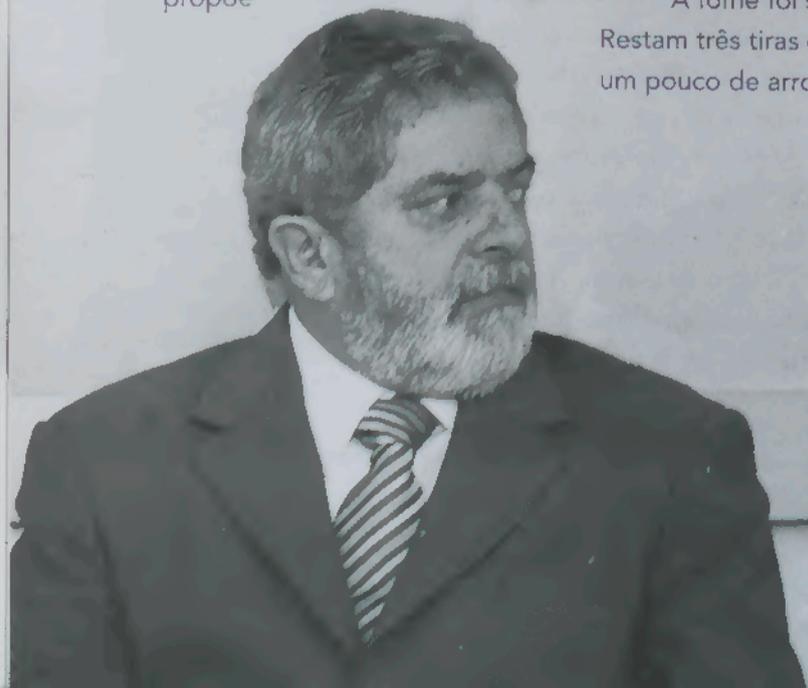
- Mas ele tem conhecimento?  
- Não, aí é a sua opinião. Se você quer a minha, eu te dou a minha – responde Frei Betto levantando a voz. Ele responde quase todos os dias a mesma pergunta.

- Eu quero a sua – respondi.  
- A minha é essa, quer dizer, que ele não tinha conhecimento, tanto que ele falou que ele foi traído, essa é a minha opinião.

Mais adiante, comentou:  
- Se eu fosse traído e soubesse de um negócio desses, tinha criado um caso, mas, felizmente, de nada sabia.

Almoçou. Falou com mais calma, menos na defensiva e comeu bem. Depois caminhou até o local de sua palestra. Conversou com as pessoas, deu autógrafos.

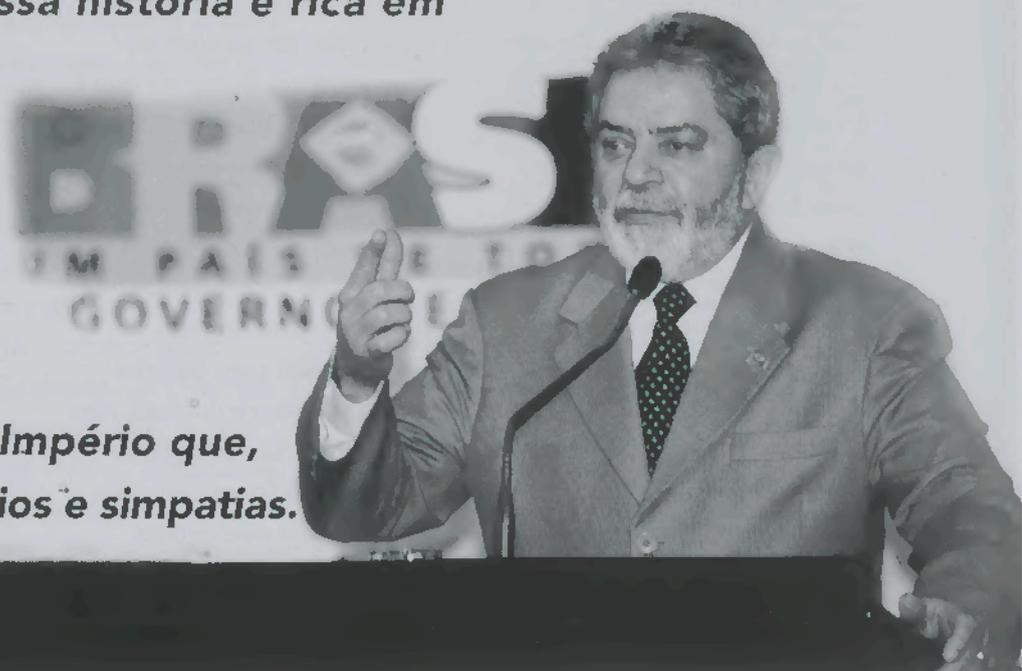
Deixou a idéia de que o presidente tem braço forte, é decidido e honesto. Frei Betto impressiona. Um homem simples com uma aura revolucionária. Com a caneta na mão, recebe mais um de seus livros para autografar. Coloca a tinta no papel e convoca: “Muita fome de justiça e coragem!”. ■



# Revisão histórica: as grandes turbulências

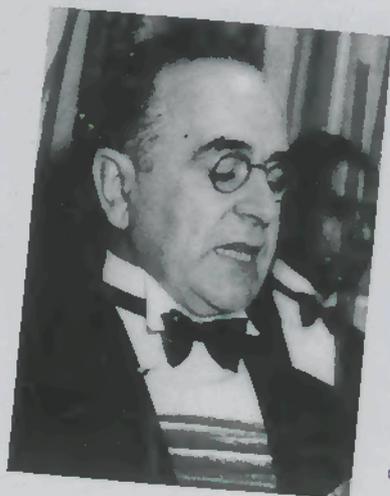
Myrian Camargo Plá \* myrianpla@hotmail.com

**No dia 25 de agosto de 2005, o presidente Lula pronunciou-se pela primeira vez sobre a crise que começava a ameaçar o seu mandato. Para minimizar o impacto da situação, ele lembrou o histórico político do Brasil e as turbulências já "superadas". Exemplificando, citou Getúlio Vargas, que se matou, Jânio Quadros, que renunciou, e João Goulart, que foi destituído, mas Lula preferiu adotar o exemplo de Juscelino Kubitschek, "tendo paciência, paciência e paciência, porque a verdade prevalecerá". Ao final, evitou comentar o caso do impeachment de Fernando Collor de Melo. De fato, nossa história é rica em turbulências políticas. A própria República foi instaurada no Brasil em meio a uma. Foi uma combinação do desgaste de um regime e da virtual falta de outra opção, resultando menos de uma consciência coletiva do que das dificuldades enfrentadas pelo Império que, não tendo como resolvê-las, perdeu apoios e simpatias.**



## Crises "superadas"

Getúlio Vargas que se matou...



A industrialização tão perseguida no início da República só foi conseguida de fato a partir de 1930, quando acelerou-se o processo de urbanização e aumentou a participação política da burguesia. O crescimento da classe operária ajudou, de certa forma, a

implantação de um fenômeno político típico de uma era de transição para estruturas econômicas mais modernas: o populismo. Getúlio Vargas apoiou-se na insatisfação da crescente classe dos operários urbanos e da burguesia industrial para chegar ao poder. Para um, criou uma legislação trabalhista e para outro, uma política de industrialização capitalista. Porém, a política populista de Vargas não manteve a burguesia ao seu lado durante muito tempo. Somando-se a isto, a antiga classe dominante, que era baseada no capital cafeeiro e não

estava sendo beneficiada pelo governo, formou em 1945 a UDN - União Democrática Nacional. Esta obteve o apoio da classe média, marcada pelo elitismo e contra a ampliação da participação popular. Já em crise, o governo sofreu mais um golpe com o atentado contra Carlos Lacerda. Definida a responsabilidade de Vargas no caso, a pressão exigindo a renúncia tornou-se intensa ao mesmo tempo em que surgiram sérios receios de golpe militar. A saída diante de tantos impasses foi o suicídio.

## JK, o exemplo...

Juscelino Kubitschek assumiu a presidência em 1956, eleito por uma coligação entre o PTB e o PSD. Seu governo é lembrado como uma época de otimismo, marcado por obras de grande repercussão interna e mesmo internacional, mas que acabou com graves problemas econômicos.

Seu plano ambicioso de realizações prometia "cinquenta anos de progresso em cinco de governo". No entanto, fatores como o rápido crescimento da indústria e os gastos

com a construção de Brasília, elevaram a inflação em 10%. Em 1957, 400 mil trabalhadores entraram em greve por reajustes salariais que compensassem a inflação. No Nordeste, as Ligas Camponesas reivindicaram reforma agrária. Atendendo a pressões dos nacionalistas, Kubitschek rompeu com o FMI.

O mandato terminou com boa popularidade, mas a crise econômica ficou de herança.



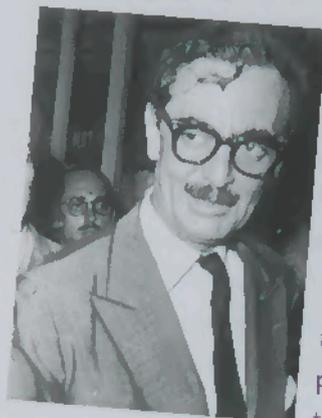
## Jânio Quadros que renunciou...

Jânio Quadros, da UDN, assumiu o governo em janeiro de 1961 com a plataforma da moralidade administrativa. Adotou uma política interna que agradasse aos conservadores e uma externa que atraísse os progressistas.

Vinculou-se aos interesses de investimentos americanos, aderindo aos princípios da Aliança para o Progresso, do então presidente Kennedy. Na política, apoiou China e Cuba, além de condecorar o líder revolucionário Che Guevara. A tentativa janista de se equilibrar entre extremos provocou duras críticas, principalmente de Carlos Lacerda, então governador do Estado da Guanabara.

Em agosto de 1961, renunciou ao mandato. Tal como o suicídio de Vargas, foi uma atitude drástica e inesperada que é objeto de discussão até hoje. Supõe-se que Jânio, respaldado na popularidade que tinha e em cuja força acreditava, pretendesse contar com

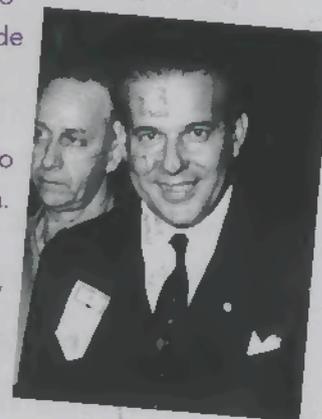
ela para voltar ao poder. Se esse era o plano, falhou. Tanto porque apanhou o povo de surpresa e desmobilizado, quanto pelo desgaste de sua imagem ante a massa devido à incapacidade de controlar a inflação, desagradando a classe média, e à política de compressão salarial, prejudicial aos interesses da classe trabalhadora urbana.



## João Goulart que foi destituído...

Com a saída de Jânio, os militares conservadores e os políticos udenistas não quiseram aceitar o vice-presidente João Goulart, que era do PTB e herdeiro do populismo varguista. A situação foi contornada através da adoção de um parlamentarismo de emergência, que durou instavelmente de 1961 a 1963, quando foi abolido por um plebiscito. Jango recobrou os poderes a ele previstos originalmente enquanto governante, o que levou a situação política a um clima de radicalização de oposições.

Em 1964, a inflação e a instabilidade interna atingiram níveis insustentáveis. O governo, que já não controlava lado nenhum, tentou uma aproximação definitiva com o setor progressista assinando uma série de decretos que determinavam reformas como a agrária e a nacionalização das refinarias. Essa atitude significava passar por cima do Congresso Nacional. As estruturas tradicionais se viram abaladas e surgiu o medo de que a questão política do desenvolvimento extravasasse as regras impostas pelo modelo capitalista. A direita antecipou-se e deu o golpe de força que ocasionou o exílio de João Goulart em março de 1964, inaugurando no país uma fase repressiva, voltada para caminhos opostos a tudo aquilo que por tanto tempo mobilizara as esperanças populares.



## Aquele que não foi citado...

Eleito em 1989, Fernando Collor de Melo fazia questão de frisar que não era o candidato da direita, embora viesse da oligarquia nordestina. Com o carisma da moralidade e da modernidade, ganhou os votos da direita conservadora por exclusão, já que era o candidato que sobrava e que parecia "mal menor", considerando a perspectiva de um Lula no Palácio do Planalto. Por representar a solução mágica para o país, virou também o candidato dos descamisados. Votou-se em Collor, não em um projeto, muito menos em um partido, já que o PRN não passava de um amontoado de letras. Durante seu mandato, uma série de medidas foram tomadas visando a reorganizar a economia nacional. O Plano Brasil Novo, ou Plano Collor como ficou mais conhecido, tinha como objetivos enxugar a máquina administrativa do Estado, acabar com a inflação e modernizar a economia. Apesar de causar grande impacto na vida da população, os resultados não foram satisfatórios. Menos de seis meses depois, o aumento da inflação levou o governo a elaborar o Plano Collor II, que também fracassou. O país acabou o ano em meio à recessão econômica e ao agravamento dos problemas sociais. Collor, assim como Jânio Quadros e João Goulart, apostou no apoio popular. Não se preocupou de início em obter o apoio político dos grandes partidos dentro do Congresso Nacional. Seu poder desmoronou quando a opinião pública, motivada pelo escândalo da CPI de Paulo César Farias, voltou-se contra o governo e ele teve de confrontar-se com as fontes reais do poder no Brasil.



# Uma história de lutas

Guilherme Fogaça \* guilhermefogaca@uol.com.br

**A atuação dos militantes políticos sempre foi um elemento decisivo na história do Brasil. No caso do Partido dos Trabalhadores (PT), o desempenho da militância é ainda mais marcante. Não foram poucas as pessoas que acompanharam o PT durante sua longa caminhada até chegar ao governo federal. Na crise política do ano passado, porém, a luta pelos ideais foi substituída por uma profunda descrença na política brasileira. Muitas bandeiras que foram balançadas para incentivar a vitória de Lula, em 2002, permaneceram guardadas nos últimos meses.**

**Agora, estamos no início de mais um ano eleitoral. No segundo semestre, as campanhas estarão acirradas e a sociedade escolherá o próximo presidente. A volta às urnas, no entanto, não necessariamente significa a volta às ruas. Muitos se perguntam se ainda vale a pena militar. Diante desta dúvida, dois experientes militantes falam sobre suas trajetórias e apresentam seus argumentos.**

## Em busca de novos rumos

Após muitos anos de envolvimento político, o jornalista Lauro Hagemann, de 75 anos, cansou de militar. Um dos motivos que contribuiu para afastá-lo da atividade foi a percepção de que certas coisas

nunca mudam na política. Mesmo assim, Hagemann destaca que a militância interfere diretamente na trajetória política do País, assim como modificou a sua vida. "Em Santa Cruz do Sul, cidade onde eu nasci, não existia o hábito de organização societária. Eu adquiri

essa consciência quando vim morar em Porto Alegre e estudar no colégio Júlio de Castilhos", conta. O envolvimento no Grêmio Estudantil do Julinho e as leituras socialistas que ele fez na época foram o estopim para sua carreira política. Em 1955, já era presidente da União Estadual dos Estudantes.

Com o passar do tempo, também começou a atuar na militância sindical. Hagemann foi co-fundador e primeiro presidente do sindicato dos radialistas. "Sempre defendi essa

organização da categoria. Minha trajetória tem duas fontes que estão umbilicalmente ligadas com a política: a militância estudantil e a militância sindical." Hoje, porém, ele acredita que o sindicalismo perdeu o rumo e não possui mais um grande projeto. Para ele, muitas das reivindicações se restringem a salários e não mais à implementação de uma nova estrutura.

Hagemann também participou ativamente do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Por ter essa grande visibilidade e transitar por todos os grupos sociais, ele candidatou-se a vereador. Foram 16 anos de vereança. Há cerca de cinco anos, contudo, ele se aposentou da política. Em sua opinião, hoje a esquerda sofre uma crise de identidade. "É preciso reformar as coisas. Falta uma definição de rumos", aponta. Ele ressalta que é preciso recuperar a antiga luta pela modificação das estruturas da sociedade. "Sem a militância, o que tu vai fazer? Militar quer dizer engajar-se, fazer parte da sociedade. Quem se abstrair disso se torna antinatural", completa.



## Um eterno militante

Todos devem contribuir, a sua maneira, para o desenvolvimento do processo político. Essa é a opinião do jornalista João Baptista Aveline, 86 anos de idade – a maior parte deles vividos como militante. Ele ressalta que ter uma posição ativa não é exclusividade de quem possui perfil para a atividade. “Um músico, por exemplo, que coloca seu trabalho a serviço das causas da sociedade é um ativista político.” Para Aveline, o importante é que as pessoas não fiquem alheias aos acontecimentos.

Essa vontade de acompanhar as transformações políticas do País já é antiga. Aveline começou a militar muito jovem, no extinto PCB. Fundado em 1922, o partido passou boa parte de sua existência na clandestinidade. “Em certa ocasião, a legalidade do partido foi cassada devido aos crimes que cometeria se um dia fosse governo”, conta. Mesmo com os contratempos, o PCB deu grandes contribuições para a política brasileira. Um dos principais exemplos foi o 6º congresso do PCB - realizado três anos após o golpe militar de 1964 -, que propôs alternativas para terminar com a opressão vivida pela sociedade. “Conseguimos reunir cerca de 100 delegados, o que era uma ‘África’ para as condições da época”, comenta Aveline. As resoluções propostas pelo encontro foram a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, anistia a todos os presos e perseguidos

políticos, liberdade para todos os partidos e eleições diretas – dispositivos que só foram aplicados anos mais tarde.

Em 1992, o PCB se transformou no atual Partido Popular Socialista (PPS). “A partir daí, ele passou a inexistir, perdeu sua essência”, lamenta. Mesmo sem se adaptar ao programa da nova sigla, a vontade de concretizar as modificações fez com que Aveline permanecesse em atividade, porém sem vínculos partidários. “Durante toda a minha vida, eu exerci a militância. E não era apenas em períodos eleitorais, mas 365 dias por ano.” Assim, surgiram os comitês suprapartidários, através dos quais ele e outros integrantes apoiavam os candidatos que representem programas de governo próximos de seus ideais.

A falta de interesse dos jovens na política é uma das preocupações atuais de Aveline. A ausência do engajamento nas universidades e a escassa discussão sobre o tema nas escolas são fatos notórios. “Na América Latina, a juventude sempre teve um papel preponderante no desenvolvimento social. Precisamos recuperar isso”, constata. Para ele, a ditadura militar ajudou a originar essa alienação da população. “Um dos males que o golpe de 64 causou à nação foi castrar várias gerações, evitando que novas lideranças surgissem.”

Outro motivo que contribui para a apatia é a realidade corrupta de alguns políticos deflagrada pelas crises. A sensação de “falta de



alternativa” é potencializada a cada comprovação de desonestidade da classe política. Para Aveline, porém, as crises não devem causar desmotivação, pois possibilitam o aperfeiçoamento do sistema político. “As crises são cíclicas, e nos permitem detectar alguns problemas da sociedade.” Ele ressalta que, ao descobrirem a existência dessas imperfeições, as pessoas ficam mais convictas da necessidade de corrigi-las. No ano passado, por exemplo, as irregularidades do financiamento das campanhas eleitorais vieram à tona. Essa crise levantou uma profunda discussão sobre o sistema eleitoral e partidário brasileiro. “Um político já me falou que o nosso sistema é de tal ordem que é impossível ingressar nele sem se envolver em algum tipo de corrupção”, revela Aveline. Uma das contradições apontada por ele é a disparidade entre o percentual de votos com que um presidente é eleito e o número de parlamentares que o apoiarão. Como consequência,

o Congresso tem o poder de impedir algumas ações do governo – o que abre espaço para negociações e torna vulnerável a relação entre este e o parlamento. “As negociações geralmente descambam para a concessão de favores. A compra de um deputado é a consagração do que existe de mais podre nessa relação.”

Para pressionar a realização dessas mudanças, Aveline reitera o valor da militância. “Passada a tempestade, corremos o risco de esquecer esses malefícios e afrouxar. Cabe às lideranças e à juventude não perder de vista a reivindicação de uma reforma política.” ■

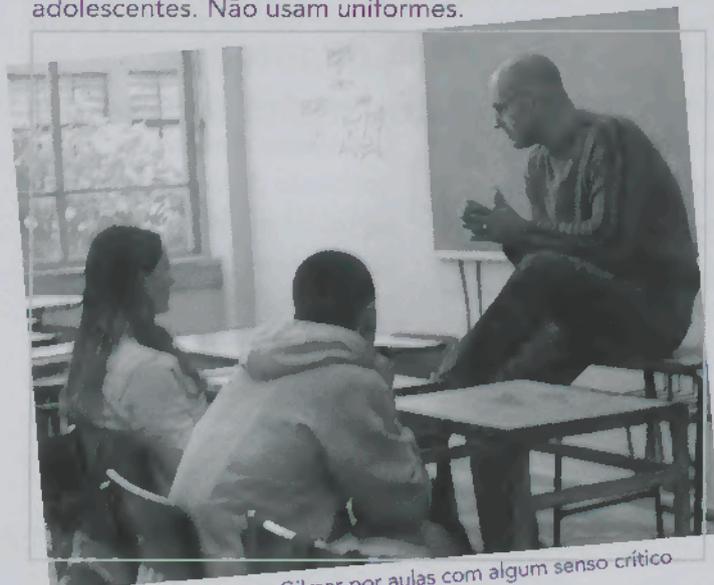
**João Baptista Aveline foi entrevistado no dia 19 de outubro de 2005 e faleceu no dia 13 de novembro de 2005. O jornalista e militante do PCB foi encontrado sem vida em sua casa, onde morava sozinho desde a morte de sua esposa, em 1998.**

# Mal acostumados

Caue Fonseca \* cauevf@gmail.com

**Foi-se o tempo em que opinar sobre política era hábito dos estudantes de escolas públicas. O fato de não serem mais consultados, porém, não significa que esses futuros eleitores não tenham opiniões próprias. Seja sobre o mar de lama de Brasília ou sobre uma simples cortina que lhes falta em sala de aula.**

Sentado no largo jogo de escadas, observo que poucos carros param logo à frente. Não há congestionamento. Entretanto, basta parar os ônibus – aqueles que vêm dos bairros, com faixas azuis nas laterais – para que desçam hordas de adolescentes. Não usam uniformes.



O esforço do professor Gilmar por aulas com algum senso crítico

Há muitos moletons piratas de marca, muitos cabelos pintados, poucas chapinhas e um ou outro olhar desconfiado, percebendo meu semblante barbudo enquanto entram no prédio ao toque da sineta. Entro no Colégio Júlio de Castilhos em uma manhã úmida de sexta-feira. A coordenadora pedagógica me recebe empolgada. A atividade que eu faria ali – um debate sobre política com os possíveis novos eleitores de 2006 – era, segundo ela, estimulada pela escola. “O senso crítico faz parte do perfil tradicional dos alunos do Julinho.”

O discurso do professor de história Gilmar Almeida é um tanto diferente. “Ao longo de muitos anos, os alunos da escola pública se acostumaram a ter aquela aulinha convencional. Professor vem, põe a matéria no quadro negro e vai embora. Não estão acostumados a emitir opiniões. Se quiser debater alguma coisa, tu vais ter que ‘empurrar’ eles um pouco.” Apesar do alerta, Gilmar afirma se tratar da sua melhor turma para a atividade. São apenas 17 alunos naquela turma de segundo ano do Ensino Médio, onde a idade média é de 16 anos. Escorados nas paredes pichadas, eles escutam o professor explicar a atividade em meio a um amontoado de carteiras vazias. Solicito um círculo enquanto o professor

sai para me deixar mais à vontade. A pergunta inicial é básica: quem já votou ou pretende votar no ano que vem?

## Novos eleitores?

Cerca de 60% da turma não pretende votar para presidente da República neste ano. Desses, a grande maioria declara apenas não querer se comprometer. Como não sabem o que pensar sobre política no momento, preferem adiar a responsabilidade do voto. Chama a atenção, porém, uma minoria inserida nesses 60%: “Eu não levo a menor fé na

eficácia do sistema político. O que aconteceu nesses últimos tempos só prova o quanto ele não funciona”. Palavras de Murilo Peres, que se mostra o mais contundente e o mais politizado da turma. Ironicamente, é também o que mais despreza a política. “Eu vou esperar completar 18 anos para votar. Então vou votar nulo.” Se descrédito é a palavra de ordem para Murilo, desilusão é o que transparece na voz de Alice Gonçalves. Ela também se declara uma futura adepta do voto nulo, sobretudo depois dos escândalos no governo Lula.

Ao tocar no nome de Lula, o debate começa a cair no senso comum. “Se até para varrer rua é preciso ter segundo grau completo, como pode um cara como o Lula ser presidente?” – compara Willian Soares, um anti-petista declarado, apesar de não opinar muito no debate. Talvez devido aos constantes beliscões da namorada. “Tá. E os que cursaram faculdade, fizeram o que mesmo no governo?” – questiona Mariana Freitas. Ana Paula Reis interfere: “O Lula se elegeu porque foi pobre e as pessoas se identificaram com isso, mas não é o suficiente para ser um bom presidente.” Em meio à discussão, pipocam mensalão, desarmamento e até o Aerolula.



Murilo, o mais politizado votará nulo.

É o momento em que o professor Gilmar retorna para a sala e intervém: "Pessoal, pessoal! Eu já expliquei que não é o avião do Lula. É o avião do Brasil, do governo brasileiro. Se fosse qualquer outro presidente, garanto que ninguém mais falava nesse assunto. Não é mesmo?". Concorde, com ressalvas. Mas decido não externá-las enquanto ele segue aconselhando. "O PT fez muita coisa errada, mas vamos abrir o olho para quem agora está botando banca de mocinho."

### Vamos ao que interessa

Da "guerra nas estrelas" que é a questão da crise política, retomo o debate no planeta Terra. Tanto o entrevistador quanto os entrevistados são propositalmente de escola pública. Na educação, aspecto em que a presença do Estado interfere diretamente na vida de

todos os ali presentes, pergunto qual é a análise deles. Depois de uma série de suspiros, Mariana fala pela turma: "Poxa, olha em volta!" Aline complementa: "A educação está assim porque não chega nos filhos dos políticos. Professor nosso faz bico aqui para dar aula de verdade em escola particular." Diante dos murmúrios de aprovação, conclui irônica: "E que tal um referendo sobre ter ou não cortinas em sala de aula?" Nesse momento, o sol toma conta de metade da sala, incomodando Kamila Rosa. A aluna de 17 anos é uma das únicas que votou para prefeito e vereador na eleição passada. Votou porque acha que é o único meio disponível de tentar mudar alguma coisa. Porém, não lembra em quem confiou o voto para vereador. "Se nem lembra, não tem moral para cobrar depois." – julga Murilo, de volta ao debate.

Pergunto se nunca consideraram nada positivo

vindo do governo. Após algum silêncio, ouve-se "O ProUni". Até então, Nikolas Freitas ficara o tempo todo quieto, bem ao meu lado. Resolve, então, opinar sobre reforma universitária. Assunto que muita gente do meio acadêmico não conhece e já não gosta. "Vi amigos meus que nunca imaginei em uma faculdade cursando engenharia, arquitetura... Isso porque conseguiram uma bolsa, ou meia bolsa, no ProUni. Isso é positivo, tem que ser levado em conta." Papo vai, papo vem, a maioria da turma se declara a favor de reserva de vagas para estudantes de escola pública nas universidades federais. Criticam o fato de elas estarem tomadas por estudantes vindos do ensino privado, como eu. Declaro que não me sinto culpado por ocupar um assento no ensino público, mesmo podendo pagar – com muito esforço, é verdade – por uma universidade particular. Justifico dizendo que nunca usei o

Estado para nenhuma das atribuições que cabe a ele me prover, e achei que era chegada a hora de cobrar. Gilmar discorda. "É uma questão de prioridade. Muito maior que o teu problema é ver uma gurizada boa como essa sem curso superior porque não pode pagar. Seja a universidade em si ou um cursinho."

O assunto é espinhoso e não há respostas simples. Mas a sineta toca e só me resta agradecer a colaboração da turma. Gilmar também me agradece, mencionando os esforços que faz para tornar suas aulas um pouco mais críticas. Porém, é chegada a vez de um outro professor qualquer entrar, colocar a matéria no quadro negro e ir embora. ■

Kamila, sol no rosto e memória curta.

# Militância estudantil: os desafios da juventude politizada

Ângela Braun \* angebraun@gmail.com

A história do movimento estudantil no Brasil caminha junto com os grandes acontecimentos do país. Os jovens começaram a se organizar antes mesmo do século XX, mas foi só na década de trinta que o movimento realmente tomou força. A partir da Revolução de 1930, a politização do ambiente nacional levou os estudantes a tomar parte na Revolução Constitucionalista de São Paulo e a formar organizações como a Juventude Comunista e a Juventude Integralista. A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi criada em 1937 como entidade oficial máxima da representação estudantil e ajudou a organizar os estudantes em torno da luta contra o nazi-fascismo e pela redemocratização nacional; também liderou campanhas em favor da indústria siderúrgica nacional e do monopólio estatal do petróleo. Mas as maiores batalhas do movimento estudantil aconteceram mesmo a partir de 1964, quando ele teve que sobreviver à ditadura militar e lutar pelo retorno das liberdades democráticas. Muitos universitários foram presos e assassinados, a sede da UNE foi queimada e ela foi colocada na ilegalidade pela Lei Suplicy de Lacerda já no primeiro ano da ditadura. Mais de sete mil alunos da USP entraram em greve em 1965, e no ano de 1968 a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, reforçou o desejo dos estudantes terem de volta sua liberdade.

O jornal 3por4 conversou com seis estudantes\*, militantes de esquerda, sobre a conjuntura do movimento estudantil e as perspectivas do engajamento político no futuro: Bernardo Alves Corrêa, 23 anos, estudante de Ciências Sociais da UFRGS, militante do PSOL e diretor de oposição de esquerda da UNE; Fernando Corrêa, 22,

estudante de Física da UFRGS, participante da Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes (Conlute); Manuela D'Ávila, 24, vereadora pelo PCdoB em Porto Alegre, jornalista, estudante de Ciências Sociais da UFRGS; Ramais de Castro, 23, estudante de Direito da UFRGS, militante do PT; Raquel Matos da Silva, 22, estudante de Publicidade e Propaganda da UFRGS, militante independente; e Vicente Guindani, 18, estudante de Economia da PUCRS, militante do PSTU. Temas como educação, democracia, UNE, socialismo e governo Lula fizeram parte dessa mesa redonda.

É consenso entre esses seis militantes que o movimento estudantil mudou. Hoje, com a democracia de volta, ele já não se organiza como antes. Não existe mais um inimigo comum, como na época da ditadura. A chamada pós-modernidade e o sistema econômico neoliberal têm transformado as relações sociais, de modo que a conjuntura não é a mesma de quatro décadas atrás. O dia-a-dia dos universitários mudou, o tempo é curto para estudar, trabalhar e ainda militar. Além disso, o individualismo e o ceticismo na política acentuam a diminuição da participação jovem nas questões políticas. A democracia, seja ela justa ou não, também dificulta o engajamento dos estudantes porque agora é possível eleger representantes por voto direto, que supostamente defendem os direitos da população. Ou seja, a urna substituiu a luta nas ruas, e trouxe a ilusão de que os problemas se resolveriam mais facilmente. Por isso, o movimento precisa se adaptar a essas mudanças. Manuela chega a dizer que existe uma grande parcela do movimento que vive na utopia da década de 60, não levando em conta tudo o que mudou à

volta: "Naquela época, estudante de universidade privada era só quem tinha dinheiro no nosso país. Hoje são pessoas que ralam, que não conseguem pagar a mensalidade, que tentam fazer uma cadeira por semestre e levam 12 anos pra se formar." Na opinião de Ramais, a individualização decorre da atual conjuntura de liberalização de todas as relações sociais, de política, de trabalho e de organização social, que dão mais força ao mercado. "É muito difícil hoje, e nós sabemos que não era tão difícil assim no passado, mobilizar os estudantes em torno das causas que nos afligem", diz ele. Nesse caminho, Vicente diz "o desafio de todos nós é saber como lidar com o ceticismo e trazer esse ceticismo que existe para o lado da luta novamente". Tarefa esta que certamente não é fácil.

Adaptar-se a esse novo contexto é um dos grandes desafios do movimento, acreditam os participantes. Além do individualismo, o discurso dos militantes frequentemente é distante da realidade daqueles que chegam à universidade. Por isso, Bernardo acredita que é preciso explicar para os estudantes que alguns problemas são decorrentes de questões gerais. Uma goteira na sala de aula da universidade, por exemplo, pode não ser decorrente de incompetência administrativa,



Ramais de Castro, militante do PT

\* Convidamos também um representante da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), que não compareceu ao encontro.



Fernando Corrêa, participante da Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes (Conlute)



Manuela D'Ávila, vereadora do PCdoB



Bernardo Alves Corrêa, militante do PSOL e diretor de oposição de esquerda da UNE



Vicente Guindani, militante do PSTU



Raquel Matos da Silva, militante independente

mas de problemas centrais como a falta de verba para educação. "Às vezes o estudante não vê esse canal e, ou ele é o militante independente em defesa das cadeiras da sala de aula, ou o militante partidário que quer romper com a dívida e o FMI", diz ele. Essa mediação, segundo ele, precisa ser feita por todos aqueles que se

dispõem a militar. Os maiores pontos de divergência entre eles são o modo como o governo tem dirigido o país e como entidades, a exemplo da UNE, têm representado os estudantes. Manuela e Ramaís concordam que o governo Lula fez mudanças positivas e que a UNE continua sendo uma entidade eficaz de representação

estudantil. No entanto, Raquel, Fernando, Vicente e Bernardo acreditam que a UNE não serve mais aos interesses dos estudantes e que o governo atual não mudou nada em relação aos anteriores. Para eles, ambos caminharam na direção da privatização do ensino público. E são essas discordâncias que fazem com que os militantes tenham

grande dificuldade em discutir projetos e objetivos para o país. Nas assembleias e encontros entre as diversas correntes e entidades, as discussões partidárias acabam prevalecendo, mesmo que a visão socialista seja a predominante. Divergências à parte, contudo, o sonho é o mesmo: construir um país mais justo.



Fotos: Ângela Braun

## O muro ainda não caiu

Felipe Koch \* felipao.uk@terra.com.br

Eric Hobsbawn chamou o século passado de "o pequeno século XX" reduzindo-o aos anos entre 1914 e 1991. A "Era dos Extremos", como Hobsbawn definiu o século, teria começado com a Primeira Guerra Mundial e terminado com o fim da União Soviética. Esse foi o período em que a humanidade mais matou, poluiu e destruiu. Foi o período em que as idéias se tornaram ideologias: uma idéia existe como conceito abstrato, é um exercício filosófico sem a pretensão de se comprovar na prática. A ideologia é quando as idéias são colocadas – ou se tenta colocá-las – em prática. Nessa tentativa gerou-se a crise e na busca da transformação executou-se as maiores barbáries da História da humanidade.

Talvez a experiência socialista-comunista possa ser considerada o modelo da tentativa moderna de se transformar idéias em ideologias, e do preço que se paga para implantar uma ideologia. Uma idéia nobre, baseada em classes lutando por objetivos comuns, não combina com uma época em que o público é substituído pelo privado. O resultado é conhecido de todos.

As últimas décadas do século XX iniciaram um processo de transformação que se torna cada vez mais visível: a possibilidade da onipresença e o declínio do convívio comunitário. As necessidades humanas mudaram, as ambições também. As horas de lazer se tornaram superiores às de trabalho: não somos mais identificados em classes, em profissões, talvez em hábitos.

Pode-se afirmar que foram essas transformações que precipitaram o fim do mundo comunista. Foram esses novos seres humanos que derrubaram o Muro de Berlim. Que finalizaram o século XX. Mesmo assim, apesar de todo o progresso genético e tecnológico, alguns ainda não derrubaram o Muro. Ainda imaginam-se numa dialética luta de classes e ignoram que a revolução cultural – que precederia a revolução comunista – precisa ser feita por essas mesmas pessoas. Precisam entender o "novo" ser humano do nosso século e não repetir o erro de impor-lhe uma realidade que só devia ser pensada.

## O mundo não acabou

Luciana Cândido \* lucandido@yahoo.com.br

Estávamos nos preparando para iniciar a mesa redonda quando ouvimos um estrondo. A cortina da sala de aula despencou sobre cadeiras sujas e quebradas. O tema da entrevista: militância estudantil. Ilustrativo.

A queda do Leste Europeu derrubou o maior aparato contra-revolucionário da História. Mas temos de admitir: provocou uma devassa na mente da esquerda mundial. O capitalismo acabou se sobrepondo à revolução democrática, marcada pela queda do Muro de Berlim, fazendo com que se acreditasse que o socialismo era impossível. Imergiu-a numa prostração cética sem precedentes.

A juventude adquiriu novas referências. O academicismo pós-moderno substituiu a realidade. Criou a falsa consciência, criou o "intelectualismo", que acredita contribuir para um mundo melhor reproduzindo teorias sem práticas de pensadores famosos, nomes da moda.

O que mudou realmente? A luta de classes continua mais viva do que nunca. A burguesia sabe disso. O capitalismo, em crise mundial, passa seu trator sobre a classe trabalhadora para sobreviver. As guerras tornam-se necessárias aos senhores – Afeganistão, Iraque. Em nenhum momento da História, a distribuição de renda em todo o mundo foi tão desigual. A exploração é brutal e as jornadas de trabalho se assemelham às do século XIX. Podemos encher páginas e páginas, os males não acabam. O mensalão faz a festa do Congresso e a cortina da sala de aula está caindo...

Para nossa alegria, alguns jovens optaram por militar por uma universidade e por um mundo melhor, não se conformaram com as regras ditadas pela sociedade burguesa. Conseguem enxergar além da academia e pensar por conta própria. Tarefa difícil num universo majoritariamente de classe média, em que a vida miserável da esmagadora maioria da população mundial não é visível a olho nu. Felizmente, entenderam que não existe teoria sem prática e nem o contrário. O socialismo não pode ter morrido, simplesmente porque nunca existiu concretamente. Estes estudantes nos dão a esperança de que, em algum momento, o mundo vai parar de acabar. ■

Em uma ensolarada manhã de sábado, Guilherme Fogaça e Dulphe Pinheiro Machado chegaram ao local da entrevista pouco antes do horário combinado. Sentaram no meio-fio e ficaram ali, nervosos. Depois, Marcela Donini – a terceira repórter – também confessaria ter ficado nervosa pela primeira vez diante de um entrevistado. A sensação tinha lá seus motivos. Não bastasse a fama de lacônico, não é sempre que se entrevista um assassino dias depois do crime. A vítima suportou impeachment, golpes de estado, inflação, neoliberalismo... Mas ver a corrupção vencer a esperança foi demais da conta. Soube-se, entretanto, que a Velhinha de Taubaté não foi assassinada repentinamente. Depois de um longo depoimento, a conclusão é que Luis Fernando Veríssimo – que pela primeira vez fala amplamente sobre a crise política que estourou em 2005 – é sim culpado, mas apenas concretizou uma triste e premeditada eutanásia. O começo da agonia deu-se já nos primeiros dias de 2003...

# Veríssimo

Introdução: Caue  
Fonseca  
Reportagem: Dulphe  
Pinheiro Machado,  
Guilherme Fogaça e  
Marcela Donini

**3por4** Qual foi tua reação ao receber a primeira notícia de indício de corrupção no governo Lula?

A minha desilusão com o PT já vem desde os primeiros dias do governo. No momento em que eles escolheram uma política econômica que era a continuação da política econômica do Fernando Henrique, quando o Lula declarou que não era de esquerda, que era... A desilusão não é de agora. Mas claro que, ao pensar que o PT era um partido diferente dos outros e que não adotaria os métodos dos outros na questão ética, descobrir o Delúbio foi uma desilusão a mais.

**3por4** A morte da tua personagem Velhinha de Taubaté foi bem marcante. Muitos querem que ressuscite. O que poderia fazer ela voltar das cinzas?

A Velhinha de Taubaté era a última pessoa no Brasil que acreditava no governo. Ela virou até atração turística. As pessoas tinham um certo carinho por ela. Enquanto tiver a Velhinha acreditando, ainda há esperança. A morte da Velhinha significou que ninguém acredita em mais nada. Mas eu tenho notado um certo ressentimento por eu ter matado a Velhinha. Era a última esperança. Eu só quis refletir o que eu pensei ser um sentimento generalizado de descrença geral nos políticos, não só no PT. Mas nunca se sabe, com a medicina moderna, tantos recursos, clonagem, pode ser que a Velhinha ressuscite, e devolva a nossa esperança no Brasil (risos).

**3por4** Quando o Lula foi eleito, ele foi visto como uma grande liderança dentro da América Latina. Tu achas que com essa crise ele vai sair da vitrine? Tem o Chávez, que é uma pessoa que está vindo com grande força. O que tu achas disso? Acho que o Lula, não só na América Latina, mas na Europa principalmente, é uma coisa nova na política. Acho que a grande falha dele é que toda aquela idéia de mudar

a sociedade brasileira e latino-americana não se realizou. Simbolicamente, é importante o fato de ele ser um ex-operário. Na Europa, isso é uma coisa que pesa bastante. Ele, pessoalmente, como símbolo, é importante, mas a política dele não representa uma alternativa para o que era antes. Pelo que vejo na imprensa, ele ainda é bem visto na Europa. Sempre comparo o Lula, não sei se é uma comparação justa, ou não, ao Mandela. A eleição do Mandela representou uma mudança simbólica na África do Sul e no fim não afetou muito a sociedade. Continuaram os mesmos problemas, a mesma separação. Só que agora não é o apartheid oficial. No entanto, não podemos negar que a eleição do Mandela, do ponto de vista simbólico, é uma coisa extraordinária. Acho que a importância simbólica do Lula é essa. Ele ainda não mudou muito como poderia mudar, justamente porque escolheu uma política econômica continuista. Mas ainda acho que a figura dele é importante como símbolo da ascensão de uma classe ao poder. A gente sempre diz que o povo brasileiro nunca participou da História, foi sempre objeto da História, e não sujeito. O Lula seria uma exceção a isso. Só desse ponto de vista, já é uma coisa positiva. Pelo menos simbolicamente, o povo está começando a participar da própria história brasileira.

**3por4** O sistema político brasileiro permitiu que o presidente tenha sido eleito com uma grande maioria de votos, mas, ao mesmo tempo, essa maioria não está refletida no Congresso. Esse sistema ajuda a corromper?

O sistema dá oportunidade para todo tipo de corrupção, mas acho que é o melhor sistema que existe. Equilíbrio entre o Congresso, Legislativo, Executivo. A gente

não pode escapar disso, tem sempre o risco de ser um Congresso contra o Legislativo ou o Executivo. Aí tem que arranjar uma maneira de manter a governabilidade. Qualquer outra alternativa seria mais perigosa e pior. Um executivo mais forte, chegando ao ponto de uma quase ditadura, tudo isso deve ser evitado. Se o preço da democracia é fazer eventual aliança com o PTB, ou qualquer outro, acho que é um preço que vale a pena. As alianças são necessárias. Poderiam ter sido melhor escolhidas, mas não vamos descrever. Acho que o grande perigo desse período que estamos vivendo, essa descrença

generalizada, é a gente acabar descrendo na própria democracia.

**3por4** É preciso fazer concessões quando se chega ao poder?

Acho que sim. A grande massa de votantes, não dá pra dizer que é conservadora, mas é pela moderação, pelo meio do caminho, não pelos extremos. A grande força do PT é que era uma esquerda viável, que poderia chegar ao governo. Mesmo sacrificando um pouco seus princípios, mesmo continuando a política econômica, é uma idéia de moderação, não tão radical. Por isso que ele ganhou. Certamente se o PT mantivesse todos os seus princípios e suas promessas, a reação teria sido maior e não teria durado até agora.

**3por4** Na época em que estourou o escândalo de corrupção, o Olívio Dutra falou que o motivo eram as más companhias do PT. Em nome da governabilidade, o Lula acabou cedendo em alguns pontos. Não haveria uma outra maneira de viabilizar esse governo de esquerda?

É claro que para governar é preciso fazer alianças. Às vezes não dá pra escolher com quem você vai se aliar. A questão é essa: talvez pudessem ter escolhido melhor as alianças. Até uma aliança do PT com o PSDB, se tivesse sido construída logo após a eleição, teria sido melhor.

*Sempre comparo a eleição do Lula à do Mandela. Continuaram os mesmos problemas, mas do ponto de vista simbólico é uma coisa extraordinária. É o povo começando a participar da própria história brasileira.*

3por4 As negociatas para aprovar algumas medidas no Congresso Federal não são de hoje. Por que será que essa crise só veio à tona agora? Tudo que está se revelando hoje é uma coisa que vem de algum tempo. Isso não começou com o PT. Por que com o PT foi tão longe? Por uma questão de classe. No governo do Fernando Henrique também houve corrupção, compra de votos. E por que não foi adiante? Porque era o Fernando Henrique, um cara da nossa aristocracia, apesar do seu passado de esquerda. A gente não pode eximir o PT. O PT fez muita bobagem. Depois de pregar há tanto tempo a ética, acaba se envolvendo em compra de votos, mensalão...

3por4 Tu acreditas que é preciso reformar o sistema político brasileiro?

Acho que é uma necessidade, mas acho que não passa, não tem clima para passar. Mas seria um avanço. O financiamento público de campanha, por exemplo, acho que é positivo. O caixa dois vem de muito tempo e todo mundo faz – os Estados Unidos, inclusive, mais do que qualquer outro.

3por4 Como tu analisas o papel do José Dirceu e do Roberto Jefferson nessa crise toda?

A personalidade do Jefferson determinou muita coisa. Aquela ópera toda que foi o depoimento dele. O temperamento do Dirceu também. Ele parece uma pessoa arrogante,

criou muito ressentimento. No fim, acaba tudo sendo uma questão de personalidade, a política como uma decorrência da personalidade dos políticos. Acho que o Jefferson queria livrar o dele, que era o principal acusado quando começou o escândalo todo dos Correios. Ele sentiu que seria culpado por tudo e resolveu cair atirando. Mas até que ponto o Dirceu está envolvido, se era o líder da corrupção, eu não tenho condições de saber. Pela biografia dele, eu gostaria que não fosse verdade. Gostaria que ele tivesse uma sobrevivência política, sobrevivesse ao escândalo.

3por4 Como podemos analisar o comportamento dos parlamentares que renunciaram para não serem cassados e poderem se candidatar novamente? É lamentável haver esse recurso. É como se a renúncia acabasse com tudo e voltasse pro zero, o que não é verdade. Se o cara é culpado, é culpado. Não é por renunciar que ele vai deixar de ser e recuperar os direitos políticos. Acho que é

*É uma questão de classe. Não se aceita ter um semi-analfabeto na presidência da República.*

uma maneira de fugir, de não se responsabilizar pelo que fez. E alguns retornam ao poder. O ACM não está lá no Senado? O Jader Barbalho também continua na atividade política como se nada tivesse acontecido.

3por4 Essa memória curta pode fazer com que o povo

*O grande perigo dessa descrença generalizada é acabar descrendo na própria democracia.*

esqueça as acusações contra o PT?

Acho que o PT já está marcado por algum tempo. Não vou dizer como disse o Bornhausen, que afirmou "ter se livrado dessa praga, dessa raça, por trinta anos", porque a raça continua. Mas o PT vai sentir os efeitos desse escândalo. A gente que votava no PT por convicção, acho que o PT não perde, mas os que acreditavam na prática da ética, de ser mais moral do que os outros, esse eleitorado o PT perdeu.

3por4 Tu vês essa crise como algo particular do PT ou é algo maior?

O que a oposição está tentando fazer é desmoralizar toda a esquerda. Qualquer opção de esquerda no Brasil vai estar sempre associada ao PT e aos escândalos. Nesse sentido, o tempo vai funcionar. Não para as pessoas se esquecerem, mas para pensarem um pouco e concluírem que não há associação entre ideologia e comportamento eventualmente não ético.

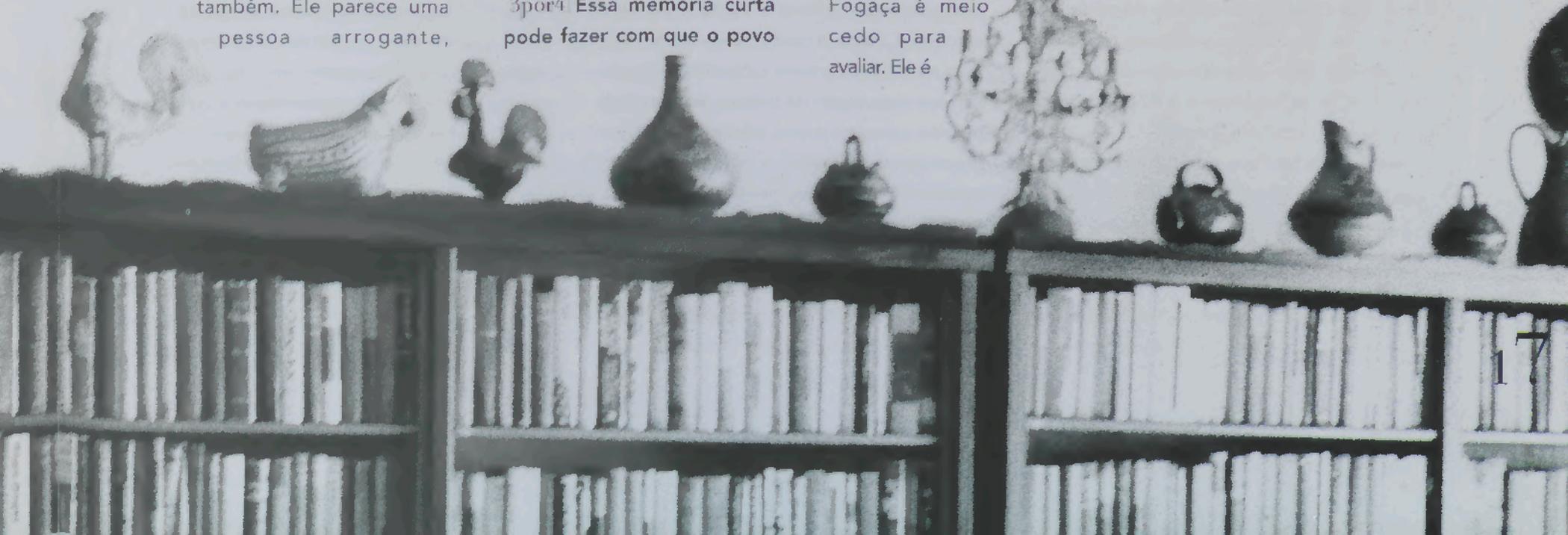
3por4 Com essa crise política em nível nacional, não se vê muito o que está acontecendo nos governos municipal e estadual. Qual a tua avaliação desses dois governos? A administração do Fogaça é meio cedo para avaliar. Ele é

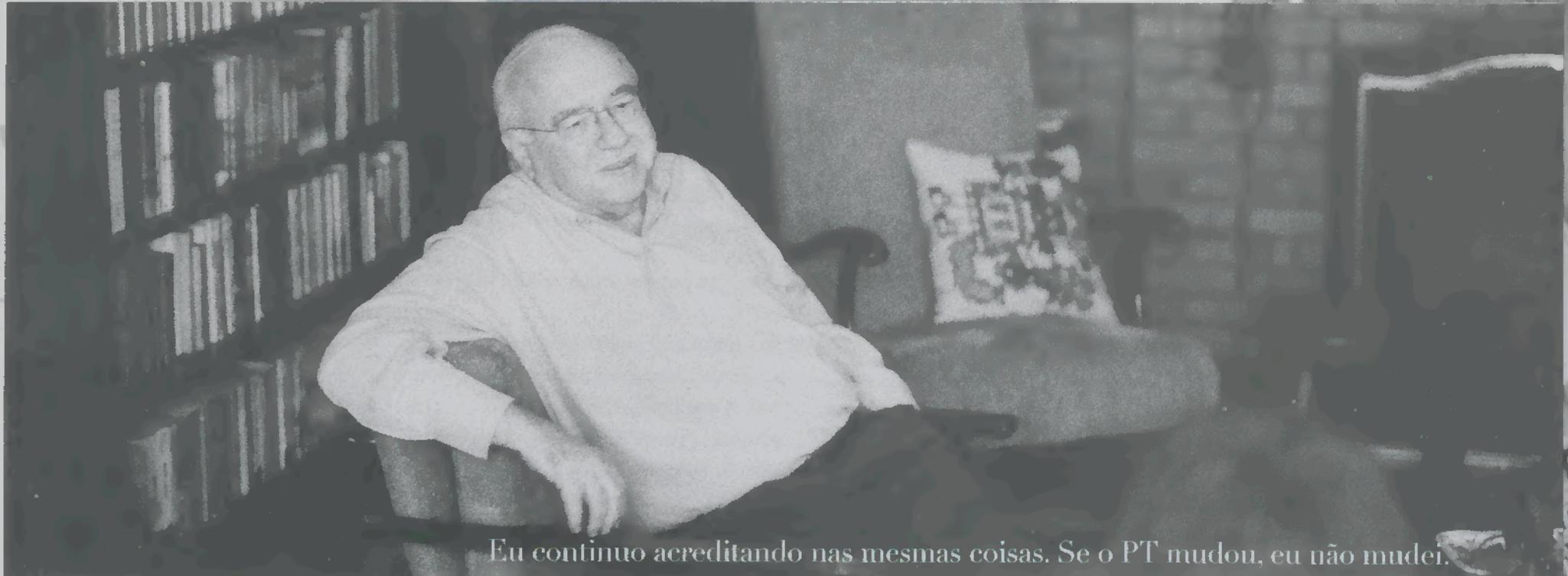
uma figura muito simpática, mas, na verdade, eu não sei bem como anda o seu governo. A administração do PT em Porto Alegre teve alguns erros... Tanto que acabou depois de 16 anos. O Rio Grande do Sul é um Estado, no mínimo, paradoxal. Ao mesmo tempo que daqui saíram grandes movimentos e nomes de esquerda - Brizola, por exemplo - é um Estado muito conservador. A gente sente isso na reação ao governo do Olívio, quando se criou um partidão que não existia que é o antipetismo. Reuniu todo o pessoal da oposição, inclusive o PDT, que seria um aliado natural do PT. Mas se criou um movimento antipetista que representava uma reação das forças conservadoras a essa ameaça do crescimento do PT. Ameaça só não, porque o Olívio chegou ao governo. Essa reação vai prevalecer, em termos estaduais.

3por4 Qual tua opinião sobre a cobertura da imprensa em relação à crise?

Esse é um assunto controvertido, porque os grandes jornais brasileiros pertencem a grandes empresas, que tem seus interesses. Essa imprensa, não vou dizer que é contra o Lula, mas é contra qualquer coisa que seja uma novidade que ameace o poder conservador no Brasil. A revista Veja fez uma campanha para derrubar o governo. Mas não dá para generalizar.

*s do ponto de  
ria brasileira.*





Eu continuo acreditando nas mesmas coisas. Se o PT mudou, eu não mudei.

A posição da *Zero Hora*, por exemplo, é claramente uma posição conservadora e se sente ameaçada por qualquer governo popular no Brasil. Eu acho a posição da *Zero Hora* um pouco mais discreta na hora de defender seus interesses. Estamos vivendo uma situação um pouco paradoxal no Brasil, porque a política econômica do Lula certamente está favorecendo o capital financeiro, então eles não têm porque se queixar dele. O governo Lula também não foi uma grande ameaça ao conservadorismo, então está essa reação grande. Na verdade é uma questão de classe. Não se aceita ter um semi-analfabeto na presidência da República. Não se aceita um governo popular por um preconceito de classe.

**3por4** Essa posição discreta de alguns jornais não é mais perigosa do que a *Veja*, por exemplo, que deixa clara sua posição? O próprio posicionamento da notícia às vezes mostra uma posição editorial. Eu estava vendo a edição da *Zero Hora* de hoje sobre a denúncia de que o Marcos Valério teria pagado para o (Eduardo) Azeredo não revelar que o PSDB também recebia dinheiro. Essa notícia poderia ser manchete da *Zero Hora*, mas está num cantinho de uma página. Às vezes só isso já é uma maneira de, disfarçadamente... Ao mesmo tempo, acho que o jornal tem sido correto na coisa. Eu nunca tive problema de escrever o que eu quisesse. É difícil a gente generalizar, mas certamente a *Zero Hora* e a RBS têm seus interesses, o que é legítimo.

**3por4** Tu achas que a literatura poderia vir a fazer uma avaliação dessa crise mais tarde e com mais propriedade? E tu pretendes escrever alguma coisa a respeito?

Não tinha pensado nisso ainda, mas acho que eventualmente sim. A literatura é a

realidade pensada, a realidade organizada, o pensamento organizado sobre as coisas que muitas vezes, no momento, não é possível fazer. Tem que esperar passar o tempo para saber exatamente o que aconteceu. O tempo outra vez... Que é o que está acontecendo com relação a outros escândalos, como no caso do Ibsen Pinheiro. Essa corrupção de agora é uma corrupção do PT ou é uma coisa que vem de anos atrás? Do nosso próprio sistema que propicia... Então tem que se colocar tudo em perspectiva. O ensaio feito com um certo tempo, um certo vagar, é uma maneira de colocar essas coisas em perspectiva.

**3por4** Ao contrário de hoje, na época da ditadura nós tínhamos muito protesto através da música. Tu tens sentido falta disso?

Sim. Não só de manifestações artísticas, mas o próprio movimento estudantil que desapareceu. Eu sou do tempo que a garotada ia pra rua enfrentar a Brigada Militar. Depois dos caras pintadas não se viu mais nada. É que na época da ditadura, o inimigo era bem definido, era o poder ilegítimo dos militares.

**3por4** Na política, todas as verdades devem vir à tona ou é melhor que algumas coisas não sejam ditas?

Essa é uma questão... Não sei até que ponto tem que trazer à tona a verdade só pela verdade. Colocar a gente cúmplice de toda essa história. A grande questão de quem escreve e de quem dá palpite, se bem que eu não acredito muito nessa história de formador de opinião, a pessoa tem sua opinião e concorda ou não, mas quem tem esse título de formador de opinião tem que pensar muito porque pode estar sendo cúmplice, às vezes sem saber. Se você diz a verdade, mesmo sendo contra seus princípios e sua ideologia, você vai estar sendo cúmplice

da oposição, de alguma maneira. Até que ponto isso torna você um hipócrita? A tarefa da gente é ser sempre verdadeiro. Mas essa verdade está sendo servida a quem?

**3por4** O Bornhausen tem a teoria de que uma crise acaba com outra crise. O que interromperia a atual situação?

Essa crise ainda vai se desenvolver um pouco, não acabou ainda. O Bornhausen, obviamente, quer que a crise acabe com a esquerda. Acho que o governo Lula está se recuperando. Li uma matéria do próprio Estadão, que é um jornal insuspeito nesse sentido, sobre o sucesso do Bolsa-Família, realmente fazendo um pouco daquilo que a gente esperava que o Lula fizesse: distribuir um pouco melhor a renda. A política externa do governo Lula, apesar de não estar dando muito resultado até agora, está em um caminho de independência dos Estados Unidos.

**3por4** O fato de alguns deputados terem sido cassados é um sinal de que as coisas estão mudando?

As coisas estão mudando. A Polícia Federal, por exemplo, com esse pessoal dos dólares e tal, está prendendo gente e tudo mais. Isso é uma coisa nova no Brasil. Aquela CPI do Banestado não teve os resultados que se esperava. Muitas coisas começaram a ser reveladas ali e o pessoal abafou. Mas acho que estamos melhorando nesse sentido.

**3por4** Tu vais continuar votando no PT? Acho que sim. Eu continuo acreditando nas mesmas coisas. Eu não mudei. Se o PT mudou, eu não mudei. Talvez nem seja o PT, seja outro partido, mas no que eu acreditava, continuo acreditando.

**3por4** O nosso jornal circula no meio acadêmico. Tu tens alguma coisa para dizer ao público jovem?

Não descreiam. Continuem acreditando na política, na democracia e, na medida do possível, no PT também. ■

# A música solta o VERBO

Cláudia Flores \* eu.claudia@gmail.com

Colaboração Mônica Rossi \* mojournalista@yahoo.com.br

## "O povo já pergunta com maldade: onde está a honestidade?"

Este refrão poderia muito bem ecoar como palavras de ordem nos protestos da Esquina Democrática, ou talvez em algum pannelo defronte o Congresso Nacional. A dúvida que emana dos versos de Noel Rosa é de um samba composto em 1933, mas que se mantém atual para a história recente do Brasil.

Expressar a insatisfação com a situação política e social do País por meio da música é uma idéia que já tem história e já gerou complicações a compositores e intérpretes. Ainda assim, remodelando-se a sua época e seu contexto político, a música se consolidou como a arte que também pode ser "funcional e engajada", afirma o sociólogo Ivan Paolo Fontanari, pesquisador na área de

antropologia social na UFRGS. Nos tempos de Noel Rosa, em que o samba desceu dos morros rumo aos centros das cidades, as classes mais ricas já eram alvo das "alfinetadas" dos sambistas, que criticavam os *palacetes reluzentes*, enquanto nas favelas a população vivia em *barracões* que, volta e meia, *saíam do lugar*. Mas a produção musical num país que veio a ser, mais tarde, um dos campeões mundiais da má-distribuição de renda evoluiu paralelamente às injustiças e às crises subseqüentes. A crítica segue; os tempos, no entanto, são outros.

## "Aqui nessas bandas tá assim de ladrão"

A série de denúncias de corrupção envolvendo Governo Federal e Congresso Nacional motivou o surgimento de canções que lembraram o que, nos anos 1960, foi caracterizado como "música de protesto". Tom Zé e Ana Carolina gravaram em 2005 a balada *Unimultiplicidade*, refletindo sobre a descrença popular nas instituições políticas em um *país de manda-chuvas*: o *Brasil-corrupção*. Num tom mais ácido, os Titãs lançaram em seu último álbum (*MTV Ao Vivo*) o hit *Vossa Excelência*, um manifesto de revolta contra a impunidade no poder. Após o lançamento do CD, os Titãs deixaram uma nota em seu site oficial, resumindo o que motivou o grupo a direcionar novamente sua criação à crítica política: "O que nos norteia, sempre, é a música. E a capacidade que ela tem de expressar o sentimento. *Vossa Excelência* trata da revolta e da indignação, mas também de

um grito de catarse, que como uma moderna trombeta de Jericó, pode derrubar muralhas".

As composições mais recentes da música brasileira que caracterizam "protestos" refletem um processo de desmoralização política. Todas – com maior ou menor grau de ironia e sarcasmo – direcionam seu desprezo para a capital do País que, ao atrair as atenções da imprensa para os seus escândalos, passou a simbolizar para o senso-comum a vertente da contravenção brasileira. Brasília, em alguns devaneios musicais, já se transformou numa divertida ilha semelhante à Disneylândia (em *300 picaretas*, de Herbert Vianna, 1994), onde *anões* e *coronéis* fabricam suas próprias leis, presenteiam-se com concessões de rádio FM e televisão, e renunciaram depois de roubar, *pra voltarem na próxima eleição*. Ou ainda tornou-se território dos "ladrões

de maleta" nos versos do compositor gaúcho Totonho Villeroy (*Ladrão*, gravada em 2000 por Ivan Lins), e da sujeira e desrespeito à Constituição (em *Que País é Este?*, da Legião Urbana).

Muitas dessas canções recentes conquistaram o gosto popular e garantiram espaço nos meios de comunicação, embora as gravadoras e a própria imagem dos artistas (que já são populares) exerçam mais influência sobre esse processo do que a música propriamente dita. Para Fontanari, o mercado fonográfico busca também atrair o gosto do consumidor de discos com músicas que expressem a opinião de maneira mais ousada. "Muitas vezes, uma música que 'incomode' vende mais que uma música 'alienada'. 'A burguesia fede' [*Burguesia*, de Cazuza] é uma expressão hoje bastante conhecida e ainda muito vendável." Virou pop.

Laura Salaberry

## “Por me deixar respirar, por me deixar existir, Deus lhe pague”

O engajamento musical a um determinado posicionamento político ou social transcende a rotulagem do “pop”, onde as músicas acabam tendo suas mensagens “diluídas” pela repetição excessiva nos meios de comunicação. A própria definição “música de protesto” é um termo que restringe e generaliza a diversidade de elementos que fazem da música uma arte contestadora de valores, na opinião de Fontanari. “Temos que pensar em que sentido a ‘música de protesto’ seria de protesto, pensar contra o quê ela protesta, e qual a linguagem que usa para isso.” Conforme o pesquisador, as temáticas não se restringem apenas à política em si, mas abrangem outros temas. “A desigualdade social, o racismo, a questão da terra, a violência, a repressão às drogas, a destruição da natureza têm sido temas abordados por grupos de diversos gêneros musicais”, afirma.

Se, em 1968, a repressão militar interferiu diretamente na vida da juventude de classe média – com a perseguição e a prisão de amigos e familiares dos compositores, inclusive – pode-se dizer que a tensão política favoreceu o surgimento de algumas canções que se tornaram hinos contra a ditadura. O refrão “caminhando e cantando e seguindo a canção”, de Geraldo Vandré, pregou a soberania das flores sobre os canhões e criaria uma tendência seguida por muitos artistas da MPB. Chico

Buarque (autor de músicas como *Cálice*, *Construção* e *Deus lhe Pague*), Milton Nascimento e Gilberto Gil foram alguns dos que burlaram o controle da censura com suas metáforas e pseudônimos para exercer o direito de expressão contra uma ameaça direta.

Hoje, a crítica se expandiu para o deboche ao americanismo (*Mundo Livre S/A*, em *Roendo os Restos de Ronald Reagan*), para a insatisfação com a desigualdade das zonas urbanas (*Chico Science & Nação Zumbi*, *A Cidade*), e para a militância nas causas políticas e proteção às classes desfavorecidas.

Para o sociólogo Fontanari, o engajamento é um diferencial para que a música chame a atenção da sociedade para seus problemas. “Uma letra de música adquire mais sentido quando o artista ou o grupo tem uma relação ‘orgânica’ com a causa que está defendendo.” Ele destaca a atuação da

banda O Rappa, cujas músicas expressam a preocupação com o abandono das comunidades pobres das grandes cidades (*A Minha Alma*), e que, paralelamente, realiza um trabalho de assistência aos jovens carentes, destinando parte do dinheiro da venda dos discos para a ONG Fase (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional). Além disso, os próprios movimentos sociais já estão trabalhando para utilizar a música como meio de atrair a atenção da população para as suas causas. O Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) contou com a participação de diversos artistas – entre eles, famosos como Leci Brandão, Chico César e Beth Carvalho – para o lançamento de seu primeiro CD, *Arte em Movimento*. O CD é uma coletânea de músicas que promovem ideais e expectativas do movimento, como a luta pelo direito à educação e pela reforma agrária.

chico science & nação zumbi  
da lama ao caos

topical  
caetano e gil

TOM ZÉ TODOS OS OLHOS

55

Chico Buarque



construção



OU PARIS ET CIRCENCI



TROPICALIA



sobrevivendo no inferno



## "Chega desta palhaçada, dessa farsa; político pra mim tem que morrer"

Enquanto procura-se investigar quantos milhões de reais foram desviados dos cofres públicos com o intuito de beneficiar contraventores, outros milhares de jovens sem educação ou assistência se destinam para o crime e para o tráfico de drogas, sem que haja outra alternativa para seu desenvolvimento. Se, por um lado, essa realidade não é nova no Brasil, por outro, ela motivou alguns jovens a expressar sua revolta com o *contraste social*. Não por acaso, esse é o título de uma das faixas do CD *Traficando Informação* (1999), do rapper MV Bill (as letras MV são a abreviação de mensageiro da verdade). Criado na favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, MV Bill é um dos jovens que resolveu utilizar as rimas do Rap para denunciar o racismo, a violência da polícia e a necessidade de reforma social na comunidade que vive ("Cidade maravilhosa é uma grande ilusão/ desemprego, pobreza, miséria, corpos no chão"). Recentemente, MV Bill lançou o livro *Cabeça de Porco*, onde discute as saídas para a injustiça que assola as periferias brasileiras.

De todos os gêneros musicais, o Rap se estabeleceu como aquele que melhor expressa a contestação do individualismo de nossa sociedade. De origem negra e marginal, o Rap é um dos elementos da cultura Hip Hop – que também é formada pelo grafitti, o toca-discos e a dança de rua – e surgiu como

alternativa para os jovens sem perspectiva de futuro.

"Procurávamos a música Rap pra fugir da dura rotina do dia-a-dia", conta Diego Pereira, o Noise D, 31 anos, ex-DJ e ex-integrante da banda de Rap porto-alegrense T.W.P.. Pereira hoje é formado em comunicação e é colunista de dois sites que promovem a cultura Hip Hop - *Adversus* e *Bocada Forte*. Embora afastado profissionalmente da música, ele conta que ainda escreve as suas letras e não abandonou o projeto de gravar um disco. "A cultura Hip Hop, ao meu ver, já transcendeu as questões de cor e protesto. Sua missão hoje é fornecer valores positivos a milhões de jovens desassistidos, não importando sua condição social ou sua cor", afirma. Pereira é defensor do segmento chamado *Hip Hop de consciência e atitude positiva*.

A crítica do Rap já se tornou popular no Brasil (com Gabriel O Pensador, em seu tom irônico de *Mentiras do Brasil, Pega Ladrão e Matei o Presidente*), já assumiu a identidade negra e local das rimas (com Racionais MCs, *Capítulo 4, versículo 3*), e já se estabeleceu como um valor cultural dos morros (Da Guedes, *Minha Cultura, Hip Hop*). Mas, apesar de todas as suas facetas, o Rap se unifica na *provocação* (questionada nos chamados "proibidões", caracterizados pelas letras violentas, alguns com alusão ao tráfico de drogas nas favelas) e no poder de

*mobilização* das comunidades, como afirma Fontanari: "O poder da música é o da experiência ritual e coletiva. É um recurso muito utilizado para a mobilização política e muito temido, cercado de restrições legais para a sua realização, ainda hoje".

Vêm de Brasília os versos que terminam essa reportagem, mas não da mesma Brasília da qual se falava antes. O *Assassinos Sociais* (do rapper Mc Gog) é um dos grupos de Rap mais politizado do País, e procura expressar o que a arte musical não deveria jamais perder de vista: as palavras são uma forma de poder. "Já conseguimos nosso espaço/ só nós sabemos como foram difíceis os primeiros passos/ por nossos traços por nossas frases/ denúncias graves da periferia/ vem a força que dará fim a esses trastes falo/ falo sério cumpadi, prepare-se!" ■

Cai a noite, acende a luz  
Sua vida se reduz a tv  
Que é a única amiga que você tem  
Elétrico sustentáculo de um mundo

Capitalista imundo  
Patético espetáculo absurdo

Onde o sentimento vale  
Aquilo que você possui

Lá fora escurece  
Aqui dentro não percebe  
O escuro é bem maior em você

Tem luz artificial  
Como a vida é artificial na cidade  
Nossa relação: de produção  
Nossa ilusão de sociedade

(...)

Olha pro lado  
Não tem nada para ver  
Fica calado  
Tendo tanto pra dizer  
Alienado  
Um boneco do poder  
Vem te salvar  
Nunca é cedo pra morrer

(...)

Fala sozinho  
Por não ter com quem falar  
Vive com medo  
Que eles venham te buscar  
Anda sem rumo  
O teu desejo é não chegar\*

(...)

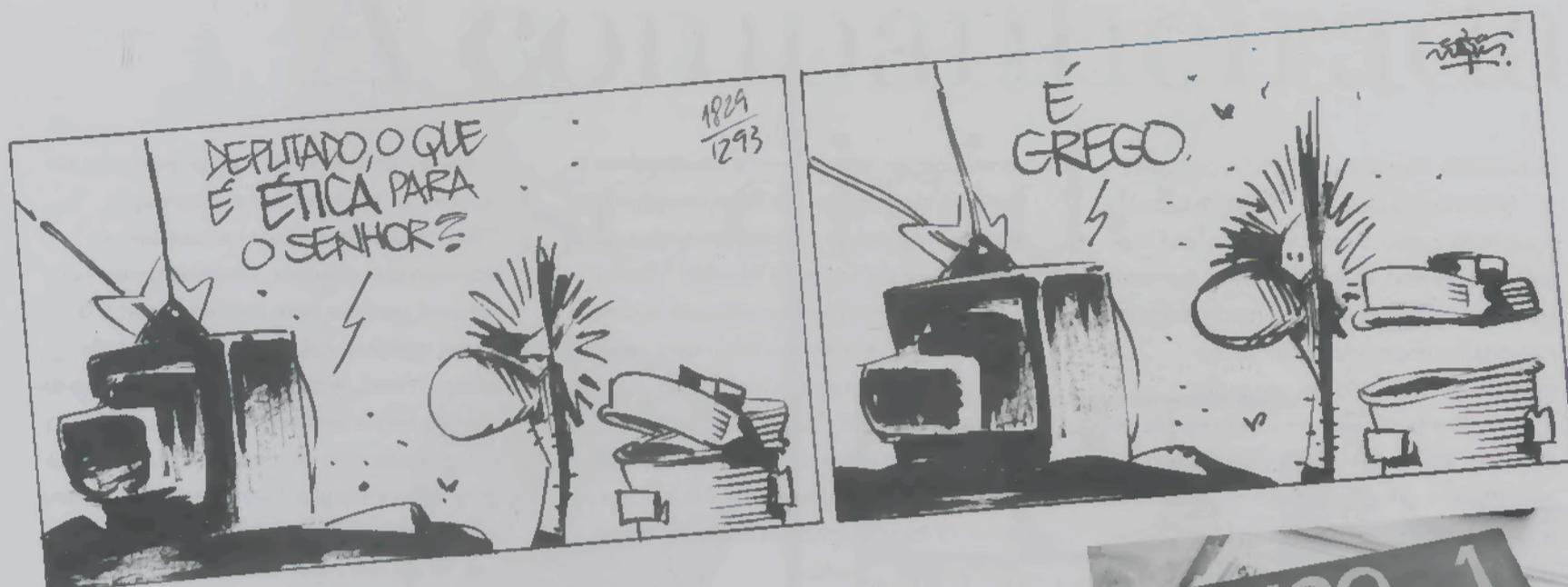
\*Sangue e Metal é de autoria de Déo Crespani e da banda Metraglia.

# 35 anos de fome

Raquel Schneider \* raquelschneider@gmail.com



*Em um dos períodos mais sombrios da política brasileira, a ditadura, nascia um carismático personagem que ilustrava a realidade da classe mais pobre da sociedade. No seu 35º aniversário, em plena era democrática, Rango é prova de que a fome ainda é um assunto atual no país.*



A Rua da Praia já havia perdido o seu charme na época em que o então estudante de arquitetura Edgar Vasques percorria o trajeto da sua casa até a universidade. Nascido no centro da cidade, ele conviveu desde cedo com a miséria urbana ao seu redor, mas apenas mais tarde o que parecia fazer parte do cotidiano alheio começou a chamar sua atenção. "Eu percorria o trajeto até a faculdade, no começo da década de 70, e encontrava crianças de quatro anos tentando vender flores no meio da rua. Ao mesmo tempo, toda a imprensa falava que o país estava vivendo um milagre econômico, uma era de desenvolvimento. É da consciência desta contradição que nasce o Rango", conta Vasques, que atualmente atua como grafista, aplicando a arte do desenho a ilustrações, logotipos, charges, histórias em quadrinhos, entre outras situações.

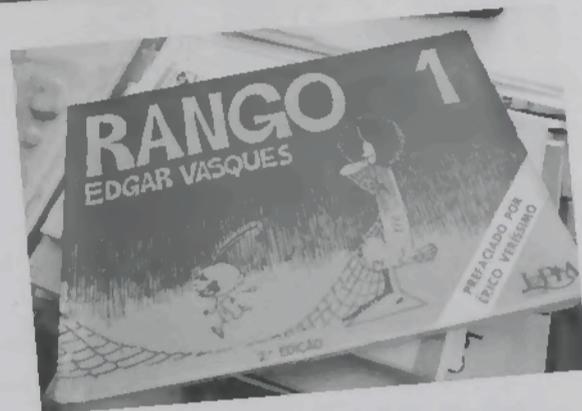
Depois de freqüentar simultaneamente durante um ano e meio os cursos de Arte e Arquitetura, Vasques escolheu o segundo, influenciado mais pelo

interesse no contexto acadêmico da época do que pelo assunto em si. "Profissionalmente foi um erro, porque não é o que eu faço. Nunca exerci, embora tenha terminado o curso. Mas em termos de formação cultural foi muito importante, porque ali era um pólo de debate político, lugar onde estava a discussão palpitante das coisas que aconteciam. Eu não tinha nenhuma ilusão de que seria arquiteto", conta ele, rindo ao lembrar que precisou fazer nove vezes a cadeira de cálculo.

A efervescência de idéias e as reflexões dos estudantes foram o estopim para o surgimento de uma publicação que traduziu, em seu único número, uma série de inquietações da época: a revista Grilos. Ali apareceu, pela primeira vez, o carismático e faminto Rango. "Ele é um personagem que vê a sociedade de baixo para cima, está no último estágio, e, dali, olha todo o mecanismo da perpetuação da miséria, o funcionamento desta máquina que há 500 anos exclui a maior parte da população de

benefícios, do bem-estar e da garantia de uma vida digna."

A força do personagem, contudo, seria sentida apenas mais tarde, graças a um oportuno episódio no extinto jornal Folha da Manhã. Vasques trabalhava como chargista da página de esportes quando o então colega Luis Fernando Verissimo saiu de férias. Sem outros humoristas na redação, coube ao cartunista contribuir para a seção antes ocupada pelos textos de Verissimo. Reviver o Rango foi a solução, e graças às cartas de incentivo dos leitores, a tirinha ganhou um espaço fixo no jornal, mesmo depois do retorno do cronista. Os quadrinhos cativaram definitivamente o público, fato que ficou comprovado com o lançamento de Rango 1, uma coletânea de tiras que transformou-se na primeira



publicação da editora L&PM e conquistou um feito inédito para um livro de quadrinhos, figurando como o mais vendido da Feira do Livro de Porto Alegre, motivo suficiente para as seqüências e para o reconhecimento nacional e internacional tanto do personagem quanto de seu autor.

Por ter surgido no contexto de uma ditadura, Rango também sofreu suas restrições. A primeira edição esteve prestes a ser recolhida das bancas pela censura, que julgava tratar-se de uma revista em quadrinhos. A defesa dos editores foi simples: apelar para o prefácio da obra, escrito por ninguém menos do que o escritor Erico Verissimo. "Ele viu ali uma reação às barbaridades que estavam acontecendo", justifica Vasques, contando que a maneira de se livrar dos censores foi argumentar que, se fosse uma revista, não haveria um prefácio, logo, tratava-se de um livro. "Eles aceitaram a explicação. A censura oficial era otária e truculenta", afirma, explicando que Rango sofreria muito mais com a censura patronal, quando os próprios donos dos meios de

comunicação começaram a desenvolver o controle da opinião. Os fatos decorrentes desta nova postura culminaram com a saída de Vasques da Folha da Manhã. "Com a auto-censura dos jornais, coisa que acontece até hoje, é que o Rango ficou sem espaço, pois o que ele dizia era incômodo para os donos do veículo. Mas o problema, na verdade, não era a ditadura em si, porque a democracia chegou e não solucionou a fome. O Rango continua bastante atual, infelizmente", avalia.

Com a mesma fome e ainda muito fôlego, o personagem é publicado diariamente no Jornal do Brasil. Também foi escolhido para ser o troféu da 17ª edição do Prêmio HQ Mix, o Oscar do grafismo brasileiro. Outro projeto do grafista é reunir a trajetória dos 35 anos do personagem em um livro. A proposta foi encaminhada ao

Ministério da Cultura e, se for aprovada,

todas as 3500 tiras do Rango poderão ser conferidas em uma única publicação. Embora seus desenhos extrapolem o universo das charges, Vasques demonstra ter uma opinião bem definida acerca do papel que lhes cabe. "É uma forma de humor crítico. A própria origem francesa da palavra traz o sentido de ataque, portanto, é uma coisa que vai contra. É muito difícil fazer uma charge a favor. Para isto, tu tens que fazer indiretamente, contra o que é contra aquela idéia. Então o chargista sempre vai ser de oposição. Seu papel é comentar o que está acontecendo de uma forma subversiva. O humor de qualidade tem que quebrar o senso comum e deslocar o olhar de quem está lendo para as coisas menos óbvias", define. Talvez esteja nisto o grande mérito de Rango: ilustrar a importância de olharmos menos para o próprio umbigo e dar mais atenção aos estômagos vazios que nos rodeiam. ■



Fotos: Ângela Braun

# A companheirada se divide

Bibiana Osório  
\* bibizinhasouza@yahoo.com.br



O movimento que foi o berço político do atual presidente da República não é mais o mesmo. As mobilizações históricas e a postura combativa do sindicalismo no início da década de 80 foram substituídas pela apatia e descrença nos rumos da política após a redemocratização. Para os que permanecem ligados ao movimento sindical, as divergências, acentuadas principalmente durante o mandato do companheiro Lula, provocaram divisão na classe.

Buscando se consolidar como uma alternativa para as lutas dos trabalhadores insatisfeitos com a postura da CUT – maior central sindical do país – a Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas) se estabelece no cenário brasileiro. Foi constituída a partir do desdobramento do Encontro Nacional Sindical, acontecido em março de 2004 em Luziânia (GO). A Conlutas surge com um objetivo bastante claro: “unir todos os explorados que não são abrigados pelos

sindicatos e provar que as nossas bandeiras não estão perdidas”, explica Denior Machado, diretor do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário (Sindijus) e membro da Conlutas.

A estrutura e o modo de participação da Coordenação ainda não estão bem definidos, mas a mobilização parece garantida. “A CUT tem peso morto e está jogando contra as mobilizações”, alerta Machado. No dia 19 de novembro de 2005, o 2º Encontro Estadual da Conlutas-RS, ocorrido em Porto Alegre, reuniu 213 inscritos e já demonstrou o descontentamento de diversos setores. “Houve uma grande onda de desfiliações da CUT no último ano e nós estamos abertos para recebê-los”, afirma Machado.

As críticas ao comportamento da CUT são encaradas com serenidade pelo presidente da Central no Rio Grande do Sul. Quintino Severo reconhece, no entanto, que a divisão enfraquece a luta. “Fomos derrotados na

reforma da Previdência, por exemplo, porque não tínhamos consenso quanto à realização da greve que exigia mudança na proposta do governo”, comenta Severo. Na ocasião, uma parcela dos sindicalistas entrou em greve e a medida, ao invés de promover a retirada da Proposta de Emenda Constitucional da lei, incentivou o governo a aprovar a reforma assim como ela estava.

O dirigente desaprova o conservadorismo de certos grupos sindicais. Em 19 de outubro de 2005, representantes da CUT entraram organizada e pacificamente no Congresso Nacional e entregaram uma agenda de propostas aos parlamentares. “Alguns interpretam isso como peleguismo, mas o fato de termos chegado sem confusão não quer dizer que não cobraremos resultados”, desabafa Severo.

Quando o assunto é a crise política provocada pelas denúncias de desvio de verbas no governo e no PT, a

ponderação torna-se evidente. “A corrupção não é um problema de hoje. Ela sempre existiu e os trabalhadores já perceberam que existe muita informação e pouca prova”, comenta. Para Severo, o grande problema do governo Lula está na condução da política econômica, que não permite o crescimento do Brasil. “É aí que está a verdadeira corrupção, pois o dinheiro do povo acaba indo para o pagamento de dívidas e não para investimentos em saúde, educação e infraestrutura”, enfatiza.

Nesse ponto, há consenso entre as duas organizações sindicais. Porém, Machado é mais corrosivo. “Lula está promovendo uma traição histórica se aliando a Bush na implementação do neoliberalismo”, diz o integrante da Conlutas. A CUT organizou a Marcha dos Sem, e a Conlutas prepara um grande congresso nacional para abril de 2006 onde serão aprofundados debates que já se realizam em encontros estaduais. ■

# Anarquizando a bagunça

Carlos Augusto Hentges de Souza \* nightgaunt@pop.com.br

No princípio, era o Caos. E o Caos devorava, aniquilava e espetava os cabelos já coloridos. Mas o Caos fazia pior. Ele rotulava, pintando em tons apenas claros ou escuros. Dava nome e sobrenome para quem mal tinha voz para falar.

"Nessa crise, a mídia e os intelectuais têm vindo nos procurar." Se a frase tivesse sido proferida ao mesmo tempo em que o REC era pressionado, esse repórter teria vacilado. Imaginei que me tornaria instrumento de propaganda – os Punks vão me destruir. Mas não havia Punks (lembrese, estamos demolindo estereótipos). Eram apenas dois trabalhadores. Dois dos cerca de cinquenta membros deflagrados no entorno da bandeira da Federação Anarquista Gaúcha. Bandeira que eles não apresentam com a frequência tão corriqueira entre organizações de cunho político.

"As manifestações de conflito não devem ter seus símbolos e demandas transformados em aparato de propaganda de um partido", afirma Eduardo Colling, autor também das primeiras aspas. Penso que isso leva sua carga de confusão, especialmente devido a um detalhe. Há pouco havia afirmado que a Federação Anarquista Gaúcha (FAG) agia com intuitos políticos em meio a essa crise de descrença e apatia.

"Falamos como uma organização política anarquista específica, com suas formas de conceber o anarquismo", busca esclarecer. Inclui nisso uma entidade com metas e metodologias de ação. Recorro ao italiano-Errico Malatesta e seus Escritos Revolucionários, de 1903, para desanuviar certos conceitos. "Queremos a Anarquia, isto é, uma sociedade fundada sobre o livre e voluntário acordo, na qual ninguém possa impor sua vontade a outrem, onde todos possam fazer como bem entenderem e concorrer voluntariamente para o bem-estar geral. Seu triunfo só poderá ser definitivo

quando universalmente os homens não mais quiserem ser comandados ou comandar outras pessoas e tiverem compreendido as vantagens da solidariedade para saber organizar um sistema social no qual não mais haverá qualquer marca de violência ou coação."

Pergunto se o objetivo não carrega a marca da utopia estigmatizante que já fez sucumbir movimentos semelhantes. A resposta vem de outro membro da FAG, Rafael Costa. "Não queremos destruir o Estado. Queremos construir uma organização e um movimento com capacidade de luta popular organizada sem intermediações. Isso é utopia?"

Por intermediação, entende-se as características que os membros da FAG consideram mais presentes e detestáveis no fazer política desse País: Clientelismo e Assistencialismo (com maiúscula mesmo, pois existe há tanto tempo que merece nome próprio). Eis o vislumbre da ruptura organizada. "A FAG é semelhante a um partido e isso não é estranho ao Anarquismo. Trabalhamos com o conceito de programa, estratégia e objetivo definidos." Diz respeito, segundo Eduardo Colling, a projetos de mobilização e educação nos bolsões de pobreza de Porto Alegre. O resultado mais visível, segundo os membros da FAG, tem sido a organização de papeleiros. Segundo eles, isso permite aos trabalhadores negociar uma agenda própria de reivindicações junto à Prefeitura Municipal.

Vivendo em meio ao turbilhão do eterno retorno, onde tudo se parece e nada se resolve, Rafael Costa estufa o peito. "Não vamos combater o ceticismo com o velho travestido de novo.

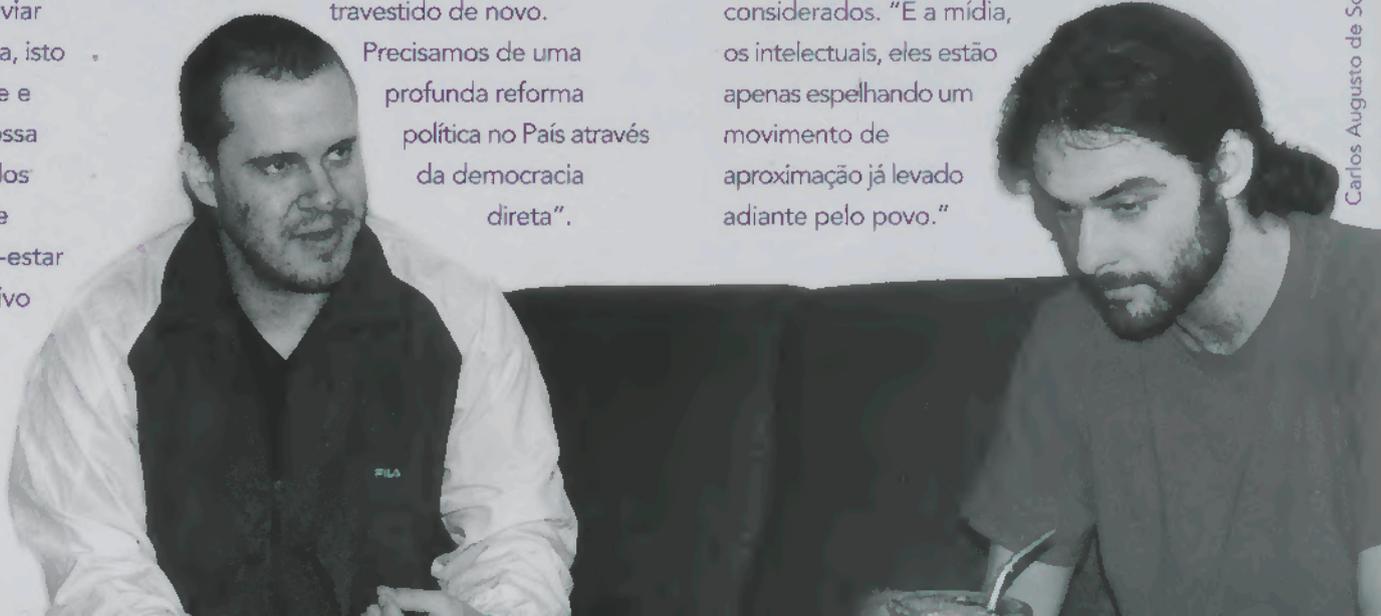
Precisamos de uma profunda reforma política no País através da democracia direta".

Para a democracia direta, segundo os integrantes da FAG, é necessária a igualdade de condições, sejam econômicas ou sociais. O quadro não poderia ser mais distante. Essa ausência é o que tem orientado os trabalhos da Federação. Para isso, eles buscam, por meio de palestras e debates, incutir consciência política na população marginalizada. É o que chamam de "protagonismo social". A noção de importância do indivíduo na sociedade massificada – valor de cada voto incluso no pacote. Com a aproximação de um novo pleito, a tarefa vem sendo executada com urgência.

Apesar de seu reduzido número de filiados, os integrantes da FAG afirmam possuir uma capacidade de mobilização na ordem de centenas de pessoas. Essa massa já foi farejada por alguns partidos tradicionais. A iniciativa repelida tinha intenção de transformar em capital eleitoral as ações da Federação.

A proposta de eleger um vereador anarquista foi rechaçada por uma série de razões. "Nosso papel é no início, educando e fornecendo meios para que a população faça por si. Isso é muito distante da típica ausência de vínculo com as bases que caracteriza a política nacional, em que o mandato pertence ao eleito e não aos seus eleitores", afirma Eduardo Colling.

Para ele, a crise institucional é favorável. Tem feito com que mais pessoas busquem alternativas, sendo a proposta que apresentam apenas uma dentre tantas. Em meio ao ceticismo e à desilusão "galopantes", eles defendem ideais que, talvez em outras circunstâncias, não seriam considerados. "E a mídia, os intelectuais, eles estão apenas espelhando um movimento de aproximação já levado adiante pelo povo."



Carlos Augusto de Souza

# O Jogo da Mídia

## Entrevista com o jornalista José Arbex Junior

Clarissa Rodrigues da Silveira \* clarissa.rs@terra.com.br  
e Marcela Donini \* marcela\_ld@yahoo.com.br

**Desde maio de 2005, quando o deputado Roberto Jefferson lançou o estopim daquele que seria um dos maiores escândalos políticos no Brasil, a mídia vem saturando o público de informação. Em busca de um furo, ou simplesmente para não deixar de dar a matéria que o concorrente vai publicar no dia seguinte, o jornalismo despeja notícias sem se preocupar com a comprovação dos fatos. O que está em jogo, afinal? É uma simples questão de mercado ou existem interesses políticos na cobertura jornalística da atual crise?**

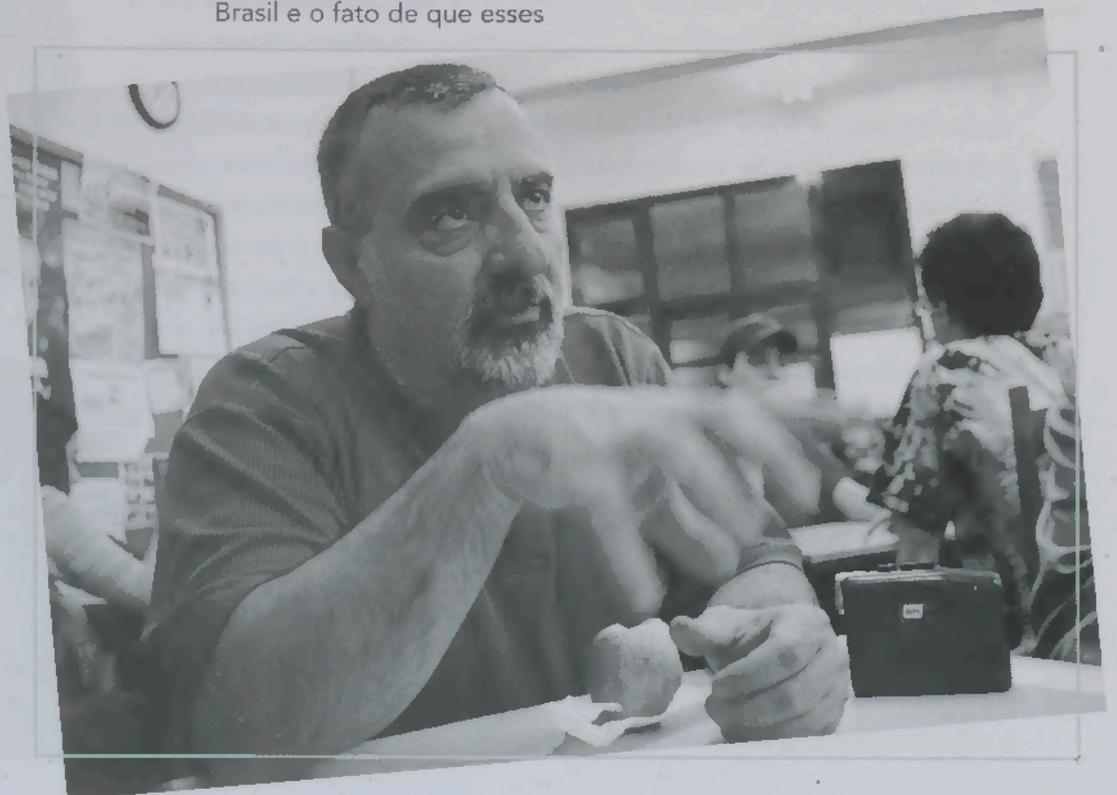
**Para responder a essas questões, a 3por4 conversou com José Arbex Junior. Autor de livros como Showrnalismo e Jornalismo Canalha, é um crítico ferrenho da grande mídia brasileira.**

**Atualmente o jornalista escreve na revista Caros Amigos. Verborrágico, apresentou, em menos de meia hora, seus argumentos de desconfiança sobre a relação entre imprensa e política. E ainda arranjou tempo para comer duas maçãs, enquanto tremia incessantemente a perna debaixo da mesa.**

**3por4** Como tu enxergas a cobertura da imprensa nesse período de crise política?

Não está existindo uma cobertura. O que está existindo é uma campanha feita pela grande mídia com o objetivo de desmoralizar, não o governo Lula, porque o governo Lula é um governo dos patrões, mas de desmoralizar a esquerda brasileira. E quando eu digo isso, não faço menção a nenhuma teoria conspiratória. Eu simplesmente quero dizer que, ao cobrirem a crise, eles iluminam certos aspectos e deixam outros num canto escuro. Eles realçam o fato de que existe um esquema de corrupção, e é óbvio que existe. O que eles escondem é a raiz deste sistema de corrupção. Escondem o fato de que existe uma história da corrupção no Brasil e o fato de que esses

corruptores sempre permaneceram impunes e de que fizeram parte de esquemas de outros governos. Cadê esses esquemas? Cadê as investigações? Eles não estão iluminando os mecanismos concretos de corrupção. Tanto que até agora eles pegaram o quê? Onze deputados. Isso é um número ridículo, porque todo mundo sabe que boa parte do Congresso está envolvida em corrupção. Quantos empresários foram presos ou mesmo conduzidos para depor? Pouquíssimos. Só o Marcos Valério e o Dantas. No caso do Dantas, todo mundo sabe que ele está envolvido no processo de privatização da telefonia, tem toda uma história envolvendo ele que não foi investigada.



**3por4** Tem algum veículo que não esteja fazendo esse jogo?

Da grande mídia, não. Todos estão por uma razão muito simples: existe uma relação de promiscuidade muito grande entre as famílias que controlam a mídia, o setor privado e o setor público. Uma relação de favores, de compromissos e mútua cumplicidade que não vem de agora. O império do Assis Chateaubriand, por exemplo, foi forjado com compromissos que ele mantinha com diversos governantes. A *Rede Globo* foi construída pela ditadura militar. A *Folha de São Paulo*, que posa de democrática, tinha compromissos com a ditadura militar. Sempre houve essa promiscuidade. Como consequência disso, nunca houve uma sociedade civil forte brasileira. E sociedade civil eu estou chamando o quê: aquele setor do País que não está agregado ao aparelho do Estado, ou seja, as universidades, os sindicatos, as associações, os movimentos sociais, os partidos políticos. Todas essas organizações são muito débeis, muito frágeis. Quer dizer, nós temos uma sociedade civil muito fraca, uma imprensa muito comprometida com os aparelhos do Estado e com a preservação da ordem burguesa. Isso faz com que a cobertura não tenha nenhuma independência e nem possa ter. Não temos jornais autênticos no País porque eles servem muito mais como partidos que organizam a burguesia.

**3por4** Tu achas que essa cobertura da mídia, ao colocar a política em descrédito, enfraquece ainda mais a sociedade civil?

A política cai em descrédito, mas também há um efeito inverso. Como as instituições não funcionam, tem pessoas que vão se organizar independentemente de partido político e de promessa eleitoral. E é o que está acontecendo na América Latina. No Equador, por exemplo, elegeram o Lucio Gutiérrez, que era mais ou menos o Lula equatoriano, que ia lutar contra o imperialismo. Mas o presidente assumiu e começou a fazer tudo ao contrário, aí tiraram o cara. Agora os equatorianos estão cada vez mais conscientes de que o caminho não é acreditar na palavra do político, mas sim

se organizar. É a mesma coisa na Bolívia, onde dois presidentes foram depostos. Na Argentina, quatro. É a primeira vez que isto está acontecendo na América Latina. E isto significa que as instituições da chamada democracia, que antes eram vistas como a salvação nacional, estão se esgotando. Isso mostra que pode haver o fortalecimento da sociedade civil com a reorganização dos movimentos sociais que vão parar de acreditar nas instâncias formais da democracia burguesa e voltar a tentar se articular por conta própria.

**3por4** Existe a possibilidade do Brasil seguir o mesmo caminho da América Latina?

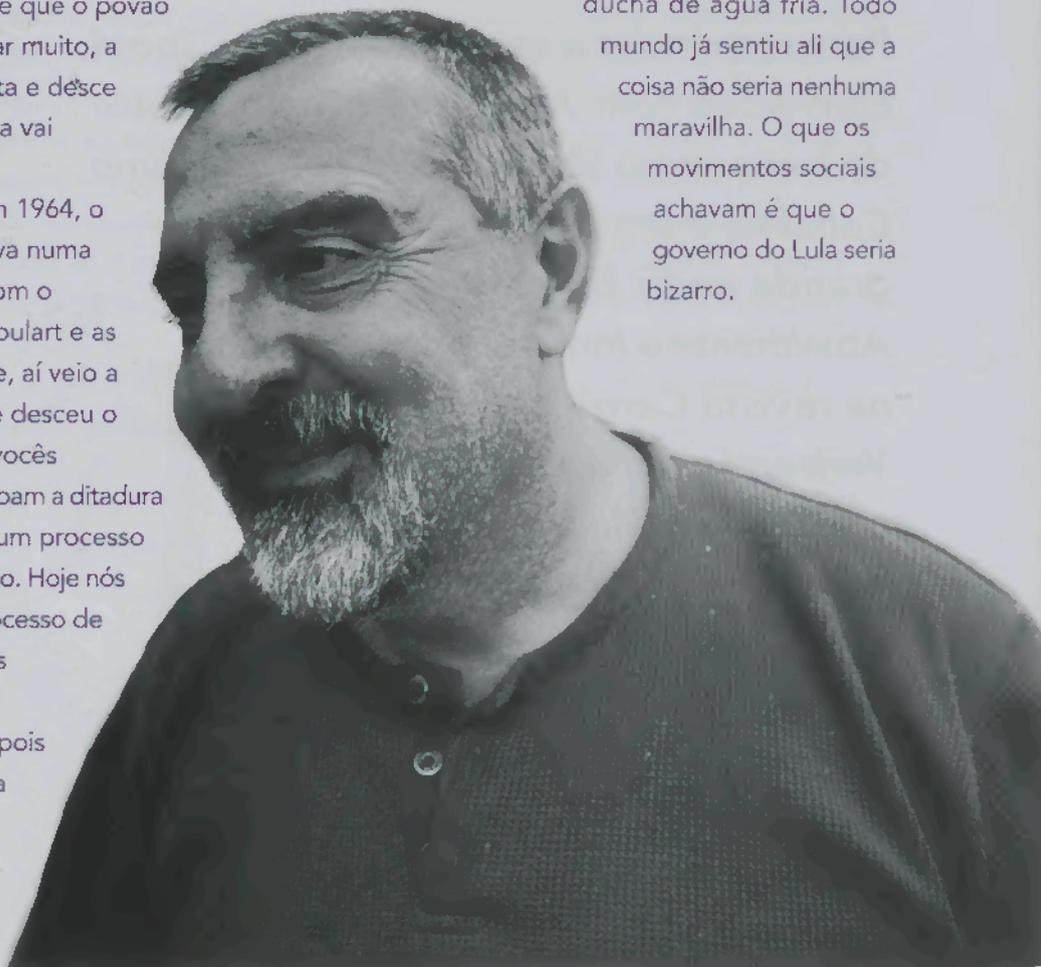
Se você comparar a história da América Latina com a brasileira, vai ver que quase nunca houve uma ascensão dos movimentos sociais brasileiros simultaneamente a outros países latino-americanos. Isso ocorre porque o Brasil é um país muito grande, continental, tem um ritmo próprio. Além disso, tem uma cultura totalmente diferenciada da cultura latino-americana, que é hispânica, com países menores e com outro tipo de contradição.

No Brasil, sempre que o povão começa a avançar muito, a burguesia se junta e desce o cacete e a coisa vai lentamente se recompondo. Em 1964, o movimento estava numa puta ascensão com o governo João Goulart e as reformas de base, aí veio a ditadura militar e desceu o cacete. O resto vocês conhecem. Derrubam a ditadura e passamos por um processo de democratização. Hoje nós estamos num processo de esgotamento das promessas da democratização, pois quando acabou a ditadura todos pensaram que tudo iria melhorar. Logo

depois, veio o Plano Real e a estabilização da economia. Agora a promessa de uma vida melhor acabou. Mesmo com o Lula lá em cima não foi, não dá certo. Assim, eu acho que vai haver um período de uma certa perplexidade, um período de parar para pensar o que se pode fazer. Depois disso, é inevitável que comece a ter uma retomada, porque ninguém suporta esse custo de vida, ninguém suporta esse desemprego. Então é inevitável que mais cedo ou mais tarde aconteça novamente essa ascensão dos movimentos sociais.

**3por4** Os movimentos sociais colocaram muita esperança no Lula. Isso poderia prejudicar essa reorganização, não só pela corrupção, mas também por causa desse governo meio "morno" e de centro que o Lula está fazendo?

Eu considero esse governo de extrema-direita. E também não acho que os movimentos sociais tinham tanta confiança. Quando ele fez aquela carta ao povo brasileiro em que se comprometia em manter os contratos e obedecer ao FMI, já foi uma ducha de água fria. Todo mundo já sentiu ali que a coisa não seria nenhuma maravilha. O que os movimentos sociais achavam é que o governo do Lula seria bizarro.



Acharam que haveria uma luta entre a esquerda e a direita. É claro que existe uma certa frustração e um certo desalento, mas toda crise é o nascimento de algo novo. Eu estou muito animado e muito otimista. Poderia ser muito pior. Se não tivesse existido a crise, o governo chegaria até o final do mandato corrompendo toda a esquerda e quando acabasse não haveria mais esquerda no país. Foi o que aconteceu com a África do Sul, em que o Mandela fez um governo igual ao do Lula, e como ele era o cara do Apartheid nunca ninguém desmascarou ele. A esquerda na África do Sul está fodida porque o prestígio do Mandela sufoca a esquerda.

**3por4** E o PT ainda consegue se reerguer?

Não. Isso é impossível.

**3por4** Existe algum partido que, na sua opinião, consegue representar a esquerda?

Não. Na verdade, eu não acho que a saída seja pela via partidária. Eu acho que essa crise nos ensinou que a luta se dá

no campo do inimigo. As instituições são corrompidas. Os movimentos sociais vão ter que reformular a estratégia de retomada do poder que não vai ser pela via eleitoral. A ênfase não deve ser a disputa eleitoral, mas a organização do movimento de massa. Se um movimento quiser ter candidatos, tudo bem. Mas o que deve importar é o movimento e não a candidatura. Foi isso que destruiu o PT. Quando o PT nasceu, em 1979, ele tinha uma estrutura de núcleo que era

absolutamente fantástica. Os núcleos eram formados pelo professor universitário, a empregada doméstica, o médico, o garçom, o operário e todos discutiam como iguais e a decisão do núcleo era irrevogável. A direção do partido era obrigada a respeitar a sua decisão. Nesses núcleos eram discutidos desde estratégias para acabar com a dívida externa até solução de problemas de bairro. Mas nas eleições para governador, em 1982, o Lula lança sua candidatura e aí a discussão do núcleo passa a ser sobre a candidatura, sobre onde vão colocar a faixa do Lula lá. O núcleo começa a parar de discutir política e se preocupa mais em fazer campanha. E essa é a lógica que várias pessoas ligadas aos movimentos sociais criticam. O PSOL, por exemplo, já nasce com uma certa agenda eleitoral. Todo mundo sabe que

a Heloísa Helena vai sair para presidente. O partido já nasceu numa lógica condenada.

**3por4** Tu acreditas que a solução é a organização dos movimentos sociais. Mas eles não são vistos de forma preconceituosa pela sociedade, principalmente o MST?

Aí entra uma coisa que é da área do jornalismo. A mídia brasileira é uma das mais competentes do mundo. Os caras são bops. O pessoal que faz a *Veja*, a *Zero Hora*, a *Folha de São Paulo* e o *Estadão* é muito bom. Mas o inimigo é forte. Eles sabem como fazer a

propaganda, eles sabem como criar personagens e como seduzir. Nós enfrentamos esse inimigo terrível que é a competência da mídia brasileira na hora de desmoralizar os movimentos sociais e esconder coisas. Por exemplo, pouca gente sabe que o

MST educa 200 mil crianças. Na verdade, a mídia até consegue mostrar o MST,

mas mostra um movimento que não existe. Na novela *Rei do Gado*, mostraram um MST bonzinho, um MST da Patrícia Pillar. Depois mostraram um MST demônio, como a capa da *Veja* em que o João Pedro Stédille aparece como belzebu. Nos dois casos, é um MST que não existe, porque ele não é nem santo nem demônio. É aí que entra o desafio dos movimentos sociais terem sua própria mídia e entrar nessa guerra da informação.

**3por4** Nesta crise, a transmissão ao vivo de todos os depoimentos pela televisão foi uma novidade. Como isso influenciou a cobertura da mídia, considerando as outras crises que já ocorreram?

Para falar disso vamos ter que pensar o seguinte: nós temos a ilusão de que tudo que é transmitido ao vivo é sinônimo de verdade. O maior desmentido disso foi a Guerra do Golfo, em 1991, que foi transmitida ao vivo. Na época eles lançaram a idéia de que ninguém morreu na Guerra do Golfo, quando hoje sabemos que, pelo menos, 150 mil pessoas morreram. E a guerra foi transmitida ao vivo. Isso prova

que é possível transmitir uma grande mentira ao vivo. Isso faz parte do show. O que você está vendo ali não são depoimentos, são jogos de cena. O que se vê é um teatro ao vivo. Mas o que está por trás das maquinações, os interesses que estão em jogo, os laços de cumplicidade,

tudo isso não aparece. Então, o fato de ter sido transmitido ao vivo não significa um ato de transparência. O que vemos, ao contrário, é o

escurecimento pela luz. Mandaram tanta luz na cara do espectador que ele ficou cego.

**3por4** Isso que tu falas também tem relação com o discurso da grande mídia de que é objetiva e imparcial. Nós sabemos que isso não existe, mas o grande público não sabe disso. O que tu achas?

Não existe objetividade. O que existe é uma construção que é muito grave e muito inteligente. Essa construção parte de alguns princípios psicológicos que, inclusive, fazem parte dessa idéia de que tudo que é ao vivo é verdadeiro e de que você aceita como verdade aquilo que você vê, mesmo quando não é verdade. Isso é da formação cultural religiosa. Esse jogo da objetividade é muito perigoso. Você está vendo a coisa acontecendo lá na CPI e não vai acreditar? Você não vai parar para pensar nas coisas que estão por trás. Até porque é muito difícil fazer essa crítica, é muito doloroso num certo aspecto. O princípio da objetividade no jornalismo é uma arma na mão deles. ■

**Mandaram tanta luz na cara do espectador que ele ficou cego.**

# O desafio de prever o futuro

## Soluções mágicas não existem

Márcia Ávila \* marcia2005aula@gmail.com

Trabalhando atualmente na Pós-Graduação da PUCRS em Porto Alegre e também como Professor Adjunto na UFRGS, René Ernaini Gertz me recebeu meio de susto, quando praticamente invadi sua sala para pedir uma opinião e uma previsão para o futuro do país depois da crise política. Segundo Gertz, prever o futuro é muito difícil para quem estuda o passado.

"Eu não acho que essa crise terá um desfecho fatal como impeachment ou coisa do gênero. Penso que o governo Lula vai ser levado até o fim. A perspectiva é de que o próximo deverá ser um governo que talvez retorne a idéia do bom senso".

O governo Lula mostrou que não existe uma solução "mágica". Nós estamos num momento em que não existe risco de um golpe militar ou algo parecido. De acordo com o professor, o próximo governo não deve prometer nada de extraordinário e vai tentar manter o Brasil dentro do contexto internacional, evitando o retrocesso e partindo, talvez, para uma retomada de consciência.

Gertz considera a possibilidade, mesmo que pequena, de aparecer um fato novo que mude o rumo das investigações. Sua expectativa em relação ao desfecho da crise não é otimista. "Claro que já foram cassados deputados, um já foi absolvido e, provavelmente, haverá cassação para os

demais. O 'vamos investigar, doa a quem doer', não vai acontecer. Vai virar uma meia-pizza."

A restrição da oposição é atribuída por Gertz ao fato de as acusações não se limitarem ao PT. "A base aliada não-petista do governo sente-se 'com o rabo preso'. A expressão 'sangrar' o governo Lula e fazer pressão para acuar o governo existe, possibilitando melhores chances de angariar votos e ampliar espaços."

Para o professor, o grande erro do PT foi dar abertura à expectativa de que aconteceria algo totalmente diferente. "Houve uma tentativa de atender a um público interno do PT e da esquerda. Nos grupos militantes, as promessas foram de mudanças de rumo na política mais conservadora a partir do segundo ano de mandato, depois do partido se firmar no poder." Na campanha eleitoral, o PT comprometeu-se com o empresariado e ganhou apoio da classe. Mas o que se esperava era que isso fosse apenas para conseguir se eleger. Agora, passamos pelo terceiro ano do governo e nada de excepcional aconteceu.

O fato de a economia ser o carro-chefe do governo evidencia o fortalecimento da área econômica. Isso simboliza aos grupos dominantes que a política do governo Lula não foi conservadora e

continuista apenas como promessa de campanha. Segundo o professor Gertz, essa prioridade garante um grande apoio das forças dominantes, razão pela qual o ministro Antonio Palocci se mantém no poder.

Quanto à reeleição do Lula, o professor ressalta que o presidente mantém uma certa popularidade, conseguindo se desvincular do partido. Do outro lado, apenas José Serra, segundo pesquisas de opinião, venceria as eleições pelo PSDB. "Eu vejo assim: o Lula provavelmente vai acabar aos pouquinhos, como o Lech Walesa na Polônia, que foi um grande líder sindical e da presidência da Polônia saiu acabado".

Durante a crise, o Presidente manteve uma imagem de aparente ou real ingenuidade com relação à maldade existente na política. "O jogo do poder é bruto e o Lula talvez não tenha se dado conta disso antes. Esse é o grande diferencial da política sindical, que tem interesses claros e muito definidos. Agora ele está lidando com um leque de interesses super diversificados."

A crise está tirando de cena os que acreditavam em mudanças mais radicais, pois estão decepcionados, fortalecendo aqueles contrários ao extremismo. Para o professor Gertz, a única solução para governar neste momento seria a social-democracia.

**Vivemos hoje um momento de grande expectativa sobre o futuro da política do Brasil. Esse período crítico trouxe a possibilidade de alguns ganhos para a sociedade, como tornar mais evidente a precariedade ética das estruturas governamentais, em todas as suas esferas. A crise também serve para legitimar a urgência de medidas corretivas necessárias a serem tomadas para punir os culpados. O chocante da crise é a centralidade que nela ocupa um partido de grande tradição esquerdista. Desde que assumiu o governo federal, o PT vem mostrando em sua prática uma postura não condizente com os interesses dos trabalhadores. Essa contradição foi dolorosa para milhões de cidadãos brasileiros que acreditaram na proposta de um país melhor. O momento agora é de dúvidas. Como toda essa crise se desencadeou? Quais seriam as alternativas para um futuro próximo? É possível resgatar a confiança nos políticos e na própria política?**

## A máscara caiu

Ana Paula da Silva e Sousa \* [anasouza04@yahoo.com.br](mailto:anasouza04@yahoo.com.br)

Para o economista conselheiro da Agência Reguladora de Serviços Públicos do Rio Grande do Sul (Agergs) e professor da UFRGS, Luiz Miranda, a origem de todo este emaranhando de corrupção está intrínseca no fato de que a verdadeira face oculta foi descoberta. Contudo, o discurso aparente permanece o mesmo.

O PT é um partido que nasceu de reivindicações populares e de oposição a uma ditadura. Toda sua proposta era baseada no trabalho do movimento sindicalista. Todavia, no governo, a proposta inicial foi deformada e a lógica a que esse partido pretendia se opor passou a ser a sua doutrina. Segundo o economista, há uma conjectura elaborada sobre a discrepância entre o discurso e a prática petista e sobre como a máscara surgiu e logo caiu. Ele considera que é necessário fazer uma releitura na percepção usual de que o PT tem poder em Brasília. "Eu diria que não, que não é o PT, é um

Petismo Cultismo Paulista, as três coisas associadas. Porque o núcleo duro do poder é exatamente constituído por pessoas que caracterizam o Petismo Cultismo e Paulista. Cito nomes, José Dirceu, José Genoíno, Ricardo Berzoini, Luiz Gushiken, Aloizio Mercadante. O próprio presidente Lula, embora tenha nascido no Nordeste, foi transformado em um paulista dentro desta estrutura cultista, uma deformação brutal, do ponto de vista ideológico." Para o professor, o partido tinha um projeto de eternizar-se no poder usando medidas tóxicas e setoriais de algumas políticas voltadas a interesses locais ou interesses da sociedade brasileira. "O projeto Fome Zero, por exemplo, acabou se revelando algo extremamente demagógico", diz.

A crise também colocou a política econômica em foco, revelando-a subordinada a uma visão de gestão do capital internacional.

Para o professor Miranda, a economia não está estável e havia alternativas de direcioná-la, que não precisavam resultar na atual exclusão social do Brasil. "Nós temos uma economia que gera desemprego e diminuição de renda salarial, portanto gera fome na massa da população. É preciso uma política não só econômica, mas social, que possibilite oportunidades universais. Essa seria uma resolução muito mais próxima de um PT real e autêntico", diz.

Grande parte do sucesso da trajetória do antigo PT se deveu à crítica à corrupção. De acordo com o professor, a crise mostrou que essa prática antiética não é critério para diferenciar se um partido é de esquerda ou de direita. Segundo o economista, os políticos brasileiros agem com paternalismo, alimentando

lideranças viciadas que operam de maneira setorial com interesses de curto prazo, sem uma visão de nação.

Para Miranda, prever o futuro é uma tarefa difícil, mas ele sugere algumas alternativas. "Uma política econômica que dê dinamismo ao mercado interno, que, historicamente, é a base do desenvolvimento econômico brasileiro". Ele considera que hoje não há mobilização social, há apenas uma agitação errática, o que torna a situação muito mais complexa. "O futuro tem que começar de novo, como diz a música na voz de Ivan Lins, começar de novo, vai valer a pena..." ■



Lindomar Cruz/ABr

Manifestação contra a corrupção, em agosto de 2005



SABI



UFRGS 05650060